

# RENASCER EM CRISTO



Julis Oracio Felipe  
Espiritos Diversos

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## **Sobre nós:**

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

## APRESENTAÇÃO

No início do ano de 2.013, após alguns anos de prática mediúnica de psicografia, através do serviço de desenvolvimento mediúnico do Lar Espírita Filhos de Maria de Nazaré, em Itaiópolis, Santa Catarina, recebi, para minha surpresa, em minha casa, no local onde costumava psicografar todas as manhãs em exercício, uma companhia espiritual ao lado do dileto amigo que me auxiliara todos esses anos. Tratava-se de um irmão desejoso de contar uma história. Pedia então se poderia contar comigo para a tarefa. Sem saber como proceder mas sabendo que ele vinha ao lado de um amigo já de longa data, consenti. Seguimos adiante noites adentro por quase quatro meses, diariamente. Trata-se de singela obra, com momentos de muito amor desse amigo que, acusado injustamente pela lei terrena, passou por sua prova com resignação e confiança em Deus e ajustou sua vida para uma vida de amor e serviço com o Cristo. Agradeço a oportunidade aos irmãos que permitiram o desenvolvimento de tal tarefa, que para mim resultou no entendimento de quanta disciplina e abnegação são necessárias para que uma obra vinda do plano espiritual seja materializada na terra. Rendo aqui, então, uma pequena homenagem a todos aqueles que se dedicam a tal tarefa.

*“Vamos adiante na luz do Senhor Jesus Cristo a trabalhar pela fraternidade no mundo que progride a cada dia.*

*Jesus trabalha ininterruptamente e o que queremos vos dizer é que pratiqueis o vosso aprendizado também diuturnamente indo aplacar a fome de pão e de luz de vossos irmãos.*

*Com esse espírito de trabalho é que te buscamos. Tendes o conhecimento acumulado de várias vidas e agora acordaste para a verdadeira vida.*

*Segue então nos estudos mas te afeiçoa a prática para que sigamos adiante.*

*Disciplina é uma palavra que nunca é demais nas lides mediúnicas.*

*Te observamos e sentimos que podes seguir.*

*Vamos contigo, permaneça em Jesus.”*

Paulo

**23/02/13**

A Quinta da Boa Vista era um local não inóspito, diferente do que é hoje. Havia uma solidão romântica nas ruas de pavimento de pedras, molhados pelo orvalho da manhã. Sobre esse pavimento eu caminhava todos os dias, indo e retornando do trabalho numa pequena fábrica têxtil.

Era dura a vida de cedo despertar e comer, no desjejum, apenas pão amanhecido e embebido em rançosa manteiga e um pouco de café com leite, mas éramos felizes eu, minha esposa e meus filhos, Maria Luisa e Fernando. Acordava cedo, ainda com o cantar do galo, coisa que hoje já não mais escutamos nas cidades modernas.

Ana Letícia levantava comigo para o auxílio que entendia eu merecer e também para preparar o material das crianças, que logo após a minha partida iam à escola. Encaminhado todos, partia para o seu trabalho em casa de família nas casas nobres do Rio de Janeiro.

Havia já intensa movimentação na cidade, já demonstrando a pujança para a qual caminhávamos. Os homens de outrora usavam ternos e chapéus elegantes e as mulheres que já podiam trabalhar usavam recatados vestidos. Ao som do bonde e das ferraduras dos cavalos a seguirem pelas ruas eu caminhava. Cavalheiros e suas damas cumprimentavam-me e me faziam sentir bem. Penso que naquela época, em função da cidade estar adequada ao número de seus habitantes,

mais comum eram os cumprimentos nas ruas. Bastante diferente de hoje, onde estamos voltados somente para nós mesmos. Foi essa a rotina de vários anos.

**24/02/13**

Nos idos de 58, nas entranhas de novembro, após permanecer umas horas a mais em meu labor diário, busquei o retorno para meu lar.

Noite chuvosa, de poucos amigos. Despedi-me de meu patrão, senhor Teodoro, italiano da gema, falante, gesticulador, líder nato, às vezes um pouco rude mas de enorme coração, que tratávamos como pessoas da família.

Naquela noite deu-me treno abraço. Estávamos a fechar os portões da empresa quando dois cavalheiros se apresentaram.

-Vimos lhe cobrar, velho! Disse um deles ao Senhor Teodoro.

Percebi que estava diante de uma encrenca e coloquei-me à frente de meu amigo e patrão, fato que me levou a sentir um golpe duro em minha cabeça que me colocou imediatamente em nocaute.

Deitado e moribundo, sem conseguir mexer-me ou falar, sentindo o sangue quente escorrendo pelo ouvido e o frio do chão molhado pelo sereno da noite, pude ver, à distância, entre as gotas da grossa garoa, Senhor Teodoro levar alguns tiros, que não cessaram, mesmo estando já caído.

Em seguida, vi aqueles homens, que a primeira vista pareciam distintos, colocarem um sarrafo nas mãos de meu chefe e, após uma

rápida conversa, dirigiram-se a mim. Naquele momento pensei na minha família e filhos, e se poder mexer-me , tudo o que me ocorreu foi fechar os olhos e permanecer inerte.

-Está morto, veja a quantidade de sangue!

Senti pegarem minha mão e, nela, colocarem a arma do crime. Contive-me e apenas ouvi vozes nas ruas e apaguei.

-Ele sofreu uma concussão cerebral, mas ficará bem. Daqui a setenta e duas horas já poderá ser transferido.

Eu tinha a visão turva e pude ver, de início, o que parecia ser uma lâmpada sobre mim e algumas pessoas de branco, com suas tradicionais máscaras cirúrgicas. Eram médicos e eu estava num hospital. Tentei falar ou me movimentar mas não era possível.

Para minha surpresa e pânico, ao lado da cama vi o Senhor Teodoro entristecido, a tentar dizer-me algo. Ele estava em seu tradicional terno de linho branco mas com a camisa varada de buracos e manchada de sangue. Tive medo, mas ao mesmo tempo senti-me confortado por um quadro do Mestre Jesus, bem à frente de meus olhos, e, mais uma vez, sentindo-me balsamizado, adormeci.

Acordei repentinamente, ouvindo o cantar dos pássaros pela janela do quarto onde me encontrava hospitalizado. Fiz menção de sair da cama mas não foi possível. Eu estava algemado! Ouvindo o barulho do aço das algemas presas à cama um homem alto, bem vestido, adentrou o quarto e exclamou:

- O Senhor está preso pela morte de Teodoro Cristofolini. Permanecerá nesse quarto até a sua melhora, por mais uns dias, sendo então transferido à prisão.

- Mas eu nada fiz para meu patrão. Foram dois outros homens que o atacaram, depois me colocaram fora de combate.

- Não identificamos outros homens, apenas o senhor na cena do crime, e seu, agora falecido, patrão.

Eu fiquei aflito e tentei mais uma vez levantar-me, mas estava preso.

-que é isso? O que está acontecendo aqui?  
Disse uma jovem enfermeira que adentrou ao quarto.

-ele acordou. Disse o policial.

Vi seu distintivo próximo à cintura e sua arma na cartucheira debaixo do seu terno branco.

-o senhor está agitado, disse-me a moça. –  
precisa acalmar-se. Vou dar-lhe um sedativo.

Irritei-me e tentei novamente levantar, sendo contido pelo guarda. Logo chegaram mais dois brutamontes da enfermaria e me prenderam pelas pernas e tronco e a mulher espetou meu braço. Depois de poucos segundos lá estava eu, dormindo novamente.

Passaram-se os dias e a rotina do hospital era a mesma. Visitas dos médicos, dos enfermeiros, a troca da guarda nos turnos. Já caminhava pelos corredores do pequeno hospital com a ajuda dos enfermeiros e com direito à escolta.

Certa feita, após a caminhada, logo em seguida do almoço, retornei ao meu quarto e lá estava ele, sentado em uma pequena poltrona, próximo a minha cama. Hesitei na entrada e meu gesto foi interpretado como mais uma tentativa de fuga. Em gritos fui arrastado para a cama, e a rotina de brutamontes a me segurar se repetiu, com a tradicional picada de um sedativo.

-socorro, há um fantasma aqui. Não me deixem só!

-ele está delirando. Ponha-o para dormir. Agitado desse jeito ele irá machucar-se.

O policial aproximou-se, eu mal o via, minha visão estava embaralhando.

-ele está fingindo, esse salafrário assassino. Está querendo ganhar tempo para tentar uma fuga. Jamais conseguirá, enquanto eu estiver vigiando, ouviu?

Desmaiei. Mergulhei em sono profundo. Acordei pela madrugada e imediatamente olhei para o lado, e o vi novamente. Não me contive e perguntei:

- O que o senhor quer de mim?

Ele olhou-me entristecido e nada disse. Apenas levantou-se, colocou seu chapéu e saiu pela porta. O guarda estava sentado no corredor, acordado, e sequer se mexeu. Assustado e preso na cama tudo o que pude fazer foi orar ao Senhor Jesus.

Amanhecera e, logo cedo, foi me servido um modesto café.

-Hoje, disse a enfermeira, o senhor terá alta.

Senti medo e alívio, porque seria levado daquele lugar mas não iria para a minha casa, em liberdade, e sim para a prisão.

-quando poderei falar com minha esposa e filhos?

O guarda, sempre atento, rispidamente respondeu-me:

-Terá direito a visitas quinzenais no presídio para onde será levado.

-Mas eu quero vê-los agora! Eu sou inocente!

-Meu amigo, disse o policial com ar sarcástico, não há perigo de serdes inocente, todas as provas apontam para a sua autoria no assassinato do seu patrão.

Eu não me conformava. Havia sido vítima de um embuste. Transformaram-me num assassino. Eu sequer tinha um motivo.

-Quando verei meu advogado?

-O senhor será interrogado pelo Doutor Delegado e lá, na delegacia, veremos o que lhe pode ser oferecido.

Outro policial adentrou ao quarto, e fui então escoltado para a viatura pelos dois homens que me conduziram pelos braços.

Aproximei-me da viatura e, quando fui colocado no banco de trás, eis que lá estava ele, mais uma vez, ao meu lado. Tentei não entrar na viatura, resistindo, mas fui jogado para dentro e segui, aos gritos, o caminho até a delegacia.

-Pare de gritar, meu amigo. Fingir-se de louco não facilitará a sua vida nem um pouco.

- tirem –me daqui! Ele está aqui! Socorro!

- O sujeito endoidou de vez. O que faremos?

- Vamos para a chefatura, lá ele receberá o corretivo que todo bandido merece e, após a confissão, nós nos livraremos dele.

Fui arrastado brutaemente para dentro da delegacia, com várias pessoas olhando para mim, e fui trancado em uma cela, onde havia mais um homem deitado em um colchão, diretamente colocado sobre o chão. Era um senhor já de certa idade e cheirava como se tivesse saído diretamente de um monte de esterco. Fui até a grade e gritei pelos meus familiares. Um policial entrou no recinto, veio em minha direção e deu-me violento golpe com um cassetete em meu rosto.

-cale a boca, delinquente!

Caí, ensanguentado, e apaguei. Senti-me sendo arrastado pelo braço e acordei em uma pequena sala, onde havia, no meio, uma tina d'água e uma trave. Também havia uma pequena escada. Mal conseguia ver, estava com a visão turva. Fui então colocado sentado sobre a trave, sendo que meus pés e mãos foram amarrados juntos, e fui virado de cabeça para baixo.

-O que é isso? Disse.

-É o nosso confessorário! Falou-me um policial, aquele mesmo que me vigiava todos os dias e o único que me dirigia algumas palavras.

Falou-me e iniciou um procedimento para encher a tina com água. Eu já imaginava o que iria ser feito. Depois da tina estar medianamente cheia, um outro policial adentrou ao recinto e senti medo e raiva, ao mesmo tempo. Era um dos assassinos do meu patrão. Reconheci-o na hora.

-Assassino! Gritei.

-Afunda! Ele disse.

E fui mergulhado na água, de cabeça para baixo, por alguns segundos.

-Suspende! Ele disse.

Fui suspenso angustiado, quase afogado.

-Confessa!

-Assassino! Retruquei

-Afunda!

Eu não conseguia me mexer, pois estava amarrado. O sarrafo que seria de eixo do maquinário machucava minhas pernas e braços. Era madeira bruta, sem nenhum requinte ou acabamento.

-Confessa seu assassino ou nunca mais verá os seus familiares!

Diante disso eu me debatia mais, pois era inocente e meus familiares nada tinham a ver com o ocorrido.

-Deixe-os em paz seu bandido! Assassino!

E lá foi mais um mergulho. A água já estava avermelhada por conta do sangue das minhas pernas e braços. Foi quando vi um dos guardas com um dispositivo que faiscava. Ele aproximou-se de mim, arriou minhas calças e fechou um circuito em minhas partes íntimas. A dor

foi terrível e desmaiei. Senti meu corpo encolher-se, convulsionando, e era uma dor dilacerante, como se fossem arrancar por inteiro todo o meu aparelho reprodutor. Essas sessões duraram dias e eram incrementadas por uma surra e por um tipo mais requintado de procedimento. Fui colocado em uma sala escura e fria, apenas com uma lâmpada próxima a mim, nu, amarrado em uma cadeira com uma gota pingando sobre minha cabeça. Não podia me mexer, dada a forma de amarração e aquela gota parecia perfurar meu cérebro. Eu estava enlouquecendo a cada dia.

25/02/13

Cheguei à cela em frangalhos e o ancião que lá estava olhou-me de soslaio, virou para o outro lado e continuou seu sono, sobre o já estendido e fino colchonete. Fui atirado para dentro da cela, sobre o meu colchão, que mais parecia um cobertor. Era possível sentir o frio do chão. Ouvi, em seguida, o barulho do fechar da cela pelo carcereiro. Não me contive. Eu era um simples trabalhador e não entendia o que queriam de mim. Lembrando dos meus familiares eu comecei a chorar. Como estariam eles? O que estariam a pensar de mim? E as crianças? O que se passava com elas na escola? Precisava fugir ou encontrar uma defesa, mas as provas eram contra mim.

-Acalme-se! Disse o velho homem.

-Amanhã é outro dia. Não percebe que tudo o que eles querem é a sua confissão?

-Mas confessar o que? Eu sou inocente!

-Eu sei, todos somos. Mas eles querem a confissão para facilitar os trabalhos de esconder alguma coisa.

Lembrei-me da figura que vira, horrenda, naquela sala de tortura, e um frio na espinha tomou conta de mim. Eles queriam me incriminar para que qualquer outra investigação cessasse.

-É isso! Eles querem me incriminar! Jamais confessarei.

-Seja sábio, disse meu colega de quarto.

-Se não confessar, acabarão por mata-lo e inventarão algo a fim de eliminar-lhes qualquer culpa.

-Mas se eu confessar, serei condenado.

-Mas estará vivo para seguir. Dê-lhes a saída honrosa e posteriormente pense em outra saída. De que adianta você morto?

Isso me fez pensar. Eu confessaria e estaria vivo. Daria um jeito de provar minha inocência e colocar os verdadeiros fascínoras na cadeia.

-Obrigado meu bom amigo!

- Não há de quê. Agora durma e deixe esse velho homem aqui repousar. Amanhã acordará melhor. Peça uma conversa com o Delegado e proponha-lhe a confissão. Serás então remetido para uma penitenciária e lá terá mais tempo para pensar em algo. Também, lá, terá o direito de ver sua família.

Lágrimas me vieram aos olhos só de pensar nas crianças. Não me importava mais com o que elas pensariam pois eu poderia explicar, estando vivo. Depois de ouvir os sábios conselhos do ancião eu senti um grande alívio, mesmo tendo dores e estando sobre um chão frio e úmido. Essa seria uma boa noite de sono.

-Tenha uma boa noite, meu caro amigo!  
Disse eu ao senhor que me aconselhava.  
Durma com Deus.

-Assim seja! Ele me retrucou.

Orei fervorosamente e fui adormecendo com fazia quando criança, lembrando mina infância sofrida mas bela, na casa de meus pais, já falecidos.

**26/02/13**

Acordei com muitas dores, parecia ter sido atropelado. Quase não podia mexer-me no acolchoado. Era frio. Virei-me o quanto pude e não vi mais o meu colega de “quarto”.

Já era um tanto avançada a hora e então imaginei que ele tivesse sido liberto. Não restava nem o seu colchonete e nem seu cobertor.

Levantei-me cambaleante e próximo a porta da cela estava um pão amanhecido com manteiga e um café com leite, já frio. Agarrei-me à sagrada refeição, agradei a Deus por mais um dia de vida e avancei sobre o delicioso manjar.

Não tirava os meus familiares da cabeça e pensava muito sobre os conselhos recebidos de meu amigo, ora desaparecido de nossa cela comum. Onde estaria ele? Eu estava disposto a seguir a sua recomendação.

Encerrada a refeição, peguei a caneca de alumínio e comecei a batê-la contra as grades de meu cubículo e gritei para ser atendido. Silêncio total. De repente ouvi uns passos e o abrir e fechar de uma porta que dava acesso às celas.

Estava escuro, o lugar era lúgubre mesmo, úmido e fétido, só com uma espécie de meia luz. Aproximou-se de mim o carcereiro:

- O que quer?

- Quero uma conversa com o Delegado. Diga-lhe que vou confessar.

- Que maravilha! Acho que aprendeu .

- Diga-lhe que é urgente.

- Para que a pressa? Disse ele com um sorriso sarcástico.

- Vá, antes que eu mude de idéia.

- A propósito, perguntei: O que foi feito do meu companheiro de cela?

- Que companheiro?

- Aquele senhor com barbas que morava naquele canto ali.

- Não há ninguém mais nesse conjunto de celas. Há meses você é o único. Respondeu com ar de espanto o carcereiro.

- Mas ele esteve aqui comigo todo o tempo, desde a minha chegada. Vocês o mataram?

- Deus Pai! Deu para ver fantasmas agora? Disse o carcereiro com a face transfigurada de medo e foi saindo.

- Vou falar com o Delegado.

E se foi, e eu permaneci ali, raciocinando sobre meu amigo. Algo estranho aconteceu comigo desde o assassinato de meu patrão. Passaram –se alguns minutos e o carcereiro retornou.

- Afaste-se! Disse-me ele. Eu recuei e ele abriu a porta da cela.

- Vamos, passe a minha frente. Se tentar algo vai se arrepender. Seguimos, passamos a porta intermediária e eu podia ver vários presos nas outras celas. Uns me faziam caras de poucos amigos, resmungando palavras de baixo calão, outros eram indiferentes e tocavam seus afazeres diários. Adentrei o prédio dos escritórios e parei em frente a uma porta com o dizer: “Delegado”. O carcereiro aproximou-se e com o cassetete deu duas pancadas na porta.

- Pode entrar. Disse a voz do outro lado.

Ele abriu a porta. Vi, então, logo à minha frente, o meu algoz. Aquele que matara meu patrão e meu causara as mais profundas dores do corpo e da alma. Uma mistura de medo e ira tomaram conta de mim, o que ele percebeu, mas, impassível, apenas repetiu a ordem.

- Entre e sente-se. Quer convite especial?

Disse isso e colocou um cassetete sobre a mesa para me causar intimidação.

- Soube que deseja confessar o crime que cometeste?
- Não cometi nenhum crime. Você cometeu.
- Ah, foi? E quem você tem por testemunha?
- Deus, que tudo vê!

Quando falei isso vi que o delegado , de impetuoso, encheu-se de ira e esbravejou:

- E onde está ele agora? O Seu Deus?

Fiquei estarelecido com a indagação.

- Vai confessar ou vamos ficar a debater filosofia?

Ele então aproximou-se da máquina de escrever, colocou papel e disse:

- Conte-me como matou seu patrão.

Bolei a história mais simples que me ocorreu, que necessitava de dinheiro e o assaltei, que ele reagiu com um sarrafo que estava próximo e eu, então, saquei minha arma e atirei, logo depois de ele ter me atingido com um golpe no rosto. O delegado retirou a folha da velha máquina e entregou-me para assinatura, assinando também em seguida.

- Agora você pode ir para a sua cela.
- Quando poderei ver a minha família?

- Amanhã, depois que eu remeter o processo para o juiz. Você será transferido para o presídio, e lá poderá vê-los. Mas lembre-se, sua sorte está exclusivamente em suas mãos.

Não confiei naquele olhar. Quem confiaria? Levantei-me, fui até a porta. O carcereiro estava lá, a me aguardar. Voltamos ao meu cárcere. Estava sozinho. Fui até um canto da cela onde havia uma pequena janela e de lá podia ver o céu, que estava estrelado. Coloquei-me em oração:

- Pai de infinita misericórdia, peço-vos cuide de minha família e me conceda a graça de que a justiça seja feita e eu possa voltar para casa. Em testemunho de que eu nada fiz e meu coração está limpo de ódio e mágoas rogo a ti, senhor das estrelas, que os benfeitores espirituais amenizem o sofrimento de meus familiares e que eu possa ser merecedor dos seus auxílios nessa hora difícil.

Fui acalmando, como se estivesse recebendo uma leve brisa e a paz foi tomando conta de mim. Aproximei-me de minha “cama”, deitei e adormeci, serenamente.

**28/02/13**

Logo cedo um camburão encostou no final do prédio e saiu algemado, sendo colocado no carro, saindo em direção ao presídio, cerca de uns trinta quilômetros dali, na área rural do município. Só eu e o motorista que, lá da frente, volta e meia, me observava pelo retrovisor.

Em que pese a situação constrangedora e triste que eu passava, pude encontrar um pouco de paz no trajeto, olhando pelas frestas daquela janela do veículo.

Olhava os campos, cujo horizonte era distante, a perder de vista e, por muitos minutos, vaguei em meus sonhos de criança, que de longe eram bem melhores que a realidade que me encontrava.

Aliás, qual criança sonha em andar de camburão naquelas condições, sendo separado da sua família? Poucas pessoas andavam por aquela localidade, rua esburacada e pouquíssimas casas. Não sei bem o que plantavam, lembro apenas de uma área de um milharal, com um senhor a colher espigas douradas.

Quando passamos ele ergueu-se da lida para observar-nos, até que desaparecemos no horizonte. Certamente pensava estar vendo mais um delinquente ser descartado pela sociedade. Estava certo, não pelo delinquente, mas efetivamente pelo descarte.

Fomos nos aproximando de imponente prédio, passando por um portão e uma guarita, bem cercado, e, lá ao fundo, via-se um

prédio com dois andares, com tinta um tanto carcomida pelo tempo e grades imensas, de ferro, que já davam sinais do tempo também.

Adentramos uma via secundária que passava pelos fundos do prédio e paramos. Desci escoltado e, quando fui adentrar o prédio, ouvi:

- Papai!

Olhei para o lado e vi as crianças do lado de fora da cerca. Quis correr, mas o guarda deteve-me e disse:

- Não estamos em horário de visita ainda. Entre.

Eu estava algemado, pelas mãos e pelos pés. Não sei que imagem passei para meus filhos, mas sorri e uma lágrima me correu o rosto, bem como no rosto de minha amada esposa. Vi, em seu rosto sereno, sem trocarmos qualquer palavra, que ela sabia que eu era inocente. Então sorri, e ela retribuiu, o que muito me confortou o coração. Eu agora estava preparado para lutar por minha liberdade!

Fui levado para uma sala onde havia um médico.

- Sente-se!

- Tem alguma dor?

- Somente uma dor na alma.

O médico me olhou profundamente.

- Tire sua camisa e sua calça.

Fiz o que ele pediu. Ele olhou-me, rodeou-me, preencheu uns papéis e em seguida me pediu para assiná-los.

- O que é isso doutor?

- Apenas teu prontuário médico de entrada, atestando sua saúde física.

Em seguida, deu-me um uniforme.

- Tome, vista isso! Todos os seus pertences e sua roupa coloque neste saco. Ficará em um armário identificado. Se quiser, quando receber a sua visita, poderá despachá-lo por intermédio do visitante.

Vesti-me e guardei minhas coisas.

- Meu amigo, cuide-se. Não vacile na prisão.

- Carcereiro! Pode levar o nosso amigo.

Segui por corredores mal iluminados, escuros, fétidos, e por todas as celas por onde passava ouvia gracejos.

- Oi belezura, venha morar conosco. Eram frases corriqueiras.

Passei por uma cela e lá vi um homem solitário. Parecia um tigre na jaula. Olhou-me com olhos coléricos, mas nada falou, e continuou a caminhar no ambiente. Parecia estar tomado de adrenalina.

- Venha, disse o carcereiro, puxando-me.

- Não vai querer saber o crime que ele praticou e também não vai querer ser memorizado por ele.

Andamos mais um pouco.

- Sua cela é aqui, meu amigo.

Achei estranho, e estava numa cela sozinho, enquanto muitas outras estavam bem lotadas. Fiquei receoso, mas parecia bem menos perigoso permanecer só. Fui trancado lá, apenas com um colchonete e um cobertor. Nada de novo pois já conhecia a rotina.

Ouvi um chamado:

- Ei novato, cuidado! Celas vazias não são bom sinal. Fique acordado. O carcereiro bateu com o cassetete na barra de ferro e disse:

- Silêncio você aí! E foi-se.

Fiquei tenso. De fato, se invadissem a prisão à noite para promover um atentado contra mim, nada poderia fazer. Então, fui para o canto da cela, ajoelhei e rezei.

- Genaro! Amor!

- Pai!

- Amor! Meus filhos!

Pude conversar com minha esposa e os pequenos, sem que eles pudessem , no entanto, adentrar a cela. Um carcereiro encontrava-se próximo, mas era possível falar sem que ele nos ouvisse. Acredito que, para ele, eu era apenas mais um preso com o destino traçado.

- Meu amor, fui preso injustamente, mas não tenho testemunhas!

- Engana-te Genaro, tens a Deus por testemunha. Confio em ti. Estou juntando dinheiro para pagar-te um advogado.

- Querida! E as crianças? Mais importante que a minha defesa é a proteção deles.

- Não ouse falar isso. Tu és nosso porto seguro. Suportaremos o que tivermos que suportar com confiança em Deus e em Jesus. Peço-te apenas uma coisa, meu amor:

- O que, amada, o que me pedires irei até o último das minhas forças!

- Não desista, não se entregue. Estamos contigo e sei que estarás conosco.

Fui tomado de uma fé impressionante e de uma sensação de que estava protegido pelos céus.

- Nunca desistirei, minha amada. Nunca. Lutarei até o fim para libertar-me e estar contigo e com nossos frutos de amor.

- Fica em paz, meu bem!

Choramos todos abraçados até que o carcereiro aproximou-se e deu sua sentença:

- Vamos! O horário de visitas já está encerrado.

Foi mais um momento duro pois não sabia se os veria novamente. Acompanhei-os até desaparecerem na penumbra. Ouvei a batida da grande porta de ferro ao final e o barulho terrível do fechar dos cadeados. E a luz se apagou.

Algumas celas acenderam pequenas fogueiras mas como eu não conhecia o proceder da casa, permaneci no escuro, porém sem dormir. Estava preparado para não ser pego de surpresa e penso que eles também sabiam disso.

Nada ocorreu e eu passara a noite em claro. Estava, ao amanhecer, no limite das minhas forças. Era uma estratégia nefasta, manter os presos acordados para que ficassem enfraquecidos.

**03/03/13**

Permaneci nesse receio em dormir por três dias seguidos. Cambaleava durante o dia já que “levantávamos” com o cantar do galo, onde nos era permitido um banho frio, tínhamos um parco café da manhã e, em seguida, fazíamos os trabalhos designados pelo dirigente local.

Eu, como mais novo, era encarregado da limpeza das latrinas da instituição e devia escovar todos os vasos sanitários, bem como levar para o depósito todo o lixo encontrado. Já na primeira semana, no terceiro dia, em virtude do cansaço, adormeci em um dos banheiros.

Anoiteceu, e como na contagem dos presos eu não estava presente, deram uma busca geral nas instalações e me encontraram. Foi então que conheci a “caverna”. A “Caverna” era uma pequena cela de cerca de dois metros quadrados, malcheirosa e totalmente escura, conhecida como solitária, reservada para as punições dos “indisciplinados”.

Não que eu fosse um, mas a julgar que o delegado queria o meu fim de uma maneira “natural”, qualquer desvio era um pretexto para piorar o meu prontuário. Ocorre que ninguém sabia que eu passara os últimos três dias acordado de medo e a solitária era um local confiável para que eu recuperasse ao menos parte das energias.

Era incômodo dormir por conta do pequeno espaço mas, como disse, foram longos três dias de tensão e pesadelos. Agora eu estava seguro e literalmente desmaiei naquela pequena cela.

- Acorda vagabundo!

Ouvi esse grito e senti a água gelada que me atiraram no dia da saída da “caverna”.

- Vem! Vamos voltar para o trabalho!

O carcereiro me pegou pela gola do uniforme e me arrastou uns três metros para fora do cubículo.

Apesar de algumas dores pelo corpo eu sentia que estava renovado , pelo menos em termos de sono. Fez-me tirar a roupa e ir para o “paredão”, para um banho sob alta pressão, de uma mangueira de bombeiro.

Depois ganhei outro uniforme e fui ter meu “café da manhã”. Eu estava começando a colocar minhas idéias em ordem depois daqueles dias de sono.

- Você é novo aqui, não é?

- Sim. Perto de uma semana;

- Que crime cometeu?

- Nenhum.

- Sei, e está aqui de férias?

Olhei para aquele “amigo” e fiquei perplexo. Poucos deles diziam nada ter feito. A maioria se vangloriava dizendo os artigos do código penal em que estavam incurso.

- Olha, eu estou aqui por estelionato. Coisa de enganar os outros, e você?

- Bom, dizem que eu matei meu patrão para o roubar.

- E você não o fez?

Parei para pensar se devia insistir na tese da inocência naquele meio. Algo me dizia que aqui você é respeitado pelas tolices que comete lá fora e então resolvi bancar o criminoso. Eu precisava articular um meio de sair dali e provar a minha inocência.

- Pois é, calculei mal. O “velho” não tinha nada com ele e, para piorar, havia marcado um encontro com o delegado logo depois do expediente. Eu estava no meio da ação quando eles apareceram e ainda por cima meu falecido chefe conseguiu me

dar uma sarrafada até que eu consegui mandar ele para o outro lado.

- E você atirou nele ferido?

- Com o nariz quebrado. Acertei-o na cabeça e no peito, e depois desmaiei. Quando acordei estava na delegacia, e agora estou aqui.

- Bom. Venha, vou te apresentar uns amigos. Para ficar vivo aqui é melhor ter alguns.

Acredito que fiz o correto. Agora tinha que manter-me atento e aproveitar as oportunidades. Fugir era uma opção. Lá de fora poderia bolar alguma coisa, mas não bastava.

Não poderia passar anos da minha vida me esquivando. Precisava provar minha inocência. Eu tinha que bolar um plano e tinha que descobrir a motivação do crime.

Para isso precisava entrar na sala do diretor do presídio e vasculhar alguns papéis e também necessitava conhecer a vida do delegado que me colocara nessa fria. Teria que contar com a minha família, mas, antes de tudo, teria que me manter vivo.

**05/03/13**

Fui levado até um grupo. Reunidos, em discreta conversação, olharam-me de maneira desconfiada e, alguns, até de maneira bastante hostil.

- O que quer aqui, novato?

- Eu o trouxe até nós para ser admitido, disse meu mais novo amigo.

- E o que o faz ter a esperança de que o aceitemos entre nós?

- Bom, eu acompanhei sua estada inicial aqui e o aprovo. Resistiu muito bem as pressões iniciais do sistema e tem contas a ajustar com um certo delegado.

- Muito bem, vamos admiti-lo para estagiar. Ficaremos de olho e depois deliberaremos. Fique sabendo que se não for aprovado no estágio será mais um presunto a deixar esse lugar. Vamos deliberar sobre uma tarefa que deverá cumprir.

Fiquei apavorado, não nego, pois eu estava indo longe demais. Eu era inocente e tudo o que eu pretendia era sair e provar essa mina inocência e, ao invés disso, eu estava me aproximando ainda mais de erros.

Entretanto, pensava na minha família e, para me manter vivo ali, era necessário entrar no sistema. Meu medo de morrer era menor quando eu me imaginava novamente em minha modesta casa, a brincar com meus filhos.

Para mim, minha família era o melhor presente recebido de Deus e eu não deixaria a felicidade escorrer pelos meus dedos. Eu tinha valores, tinha Deus no coração e temia ter que vilipendiar tudo isso em nome de uma vingança. Fui retirado do local até segunda ordem e voltei para minha cela, onde coloquei-me a orar com fervor.

“Pai de infinita bondade, eu vos agradeço o meu dia, a minha existência, a minha família e as minhas provações. Confio em ti e no exemplo de Jesus. Peço-vos discernimento e coragem para me manter dentro de vossos desígnios, sabendo escolher o caminho correto. Que a minha visão não seja turva para os teus ensinamentos e que eu possa contar contigo para comprovar a minha inocência e que isso não aconteça a custa de abandonar tudo o que vós tendes ensinado por intermédio do Divino Mestre. Protege-me. Assim seja. “

Fui balsamizado novamente durante e após a oração e, mesmo as dificuldades com os meus aposentos foram superadas naquele instante. Adormeci e algo diferente aconteceu...

**06/03/13**

Vi-me na cena do crime, onde presenciei a uma discussão, pouco antes do ocorrido. Era uma discussão sobre dinheiro, relativo a algum tipo de proteção ofertada pelos policiais.

A situação evoluiu muito mal e enveredou para o lado dos relacionamentos amorosos entre o delegado e a esposa do meu chefe. Nesse momento é que as coisas saíram do controle.

Eu via uma estranha nuvem negra a rondar vítima e algozes, qual manto escuro que os cobria. Ato contínuo suas emoções se exaltaram.

- Podes ver agora que não estamos sozinhos. Tomei um susto e ao olhar para o lado vi aquele senhor que ocupava comigo a cela escura da delegacia. Não tive medo, estranhamente. Senti-me calmo e em paz e apenas me questioneei, internamente, qual significado aquele sonho teria para mim. Foi intuitivo. Como que se lesse meus pensamentos, aquele homem respondeu:

- Tudo na vida é fruto de uma intrincada malha de relacionamentos. Nada ocorre por acaso. A vida de seu chefe foi ceifada por sugestão de antigos algozes espirituais que se aproveitaram de alguns desavisados encarnados para completar-lhes os desígnios.

- Mas então Deus não seria justo deixando meu patrão , homem de bem , morrer de assassinato! Disse, um tanto surpreso ao perceber que o homem lia meus pensamentos.

- Enganas-te. Seu chefe tem o merecimento para padecer daquela forma, pois em seu passado teve comportamento semelhante ao assassinar um dos amigos do bando ao qual pertencia como quadrilheiro, e que agora o assombrava com pertinaz obsessão.

Fiquei atônito, o sonho parecia tão real!

Eu podia até mesmo sentir o orvalho da noite da mesma maneira que o senti no dia do ocorrido. E que papo era aquele de obsessão, de outras vidas e de meu chefe ser um assassino do passado?

- Conversemos sobre suas dúvidas disse o ancião.

**07/03/13**

- Vive-se muitas vidas desde a nossa criação como espíritos. De início somos todos iguais. Com as leis divinas gravadas em nossa consciência somos gerados simples e ignorantes.

Assim somos colocados na estrada da vida infinita, construindo no amor, e também na dor, a nossa história. Nessa jornada não ficamos sós, caminhamos com muitos e nos conectamos numa verdadeira rede de relações.

Tais relações são às vezes harmônicas, às vezes desarmônicas, sendo uma ou outra, por nossa própria escolha, e são essas escolhas que nos levam ao padecimento ou à bonança. Somos responsáveis pelo que fazemos.

- Então meu patrão foi um homem mal?

- Imperfeito, eu diria. Como todos nós cometeu erros, deixando-se levar, em uma existência, por um caminho tortuoso, no qual adquiriu um grande débito com um companheiro de jornada.

- Como assim?

- Tomou-lhe a esposa e com ela tramou seu assassinato. Achou que, com o fato, estaria livre para seguir com os bens e a mulher do seu maior amigo. Todavia enganou-se pois, ao passar para o lado de cá, o lado espiritual, a vítima passou a ser o algoz, canalizando toda a sua cólera contra seu patrão. Arditoso, talhado pelo mal, que ardia em seu coração, conseguiu, com o auxílio dos outros seres imperfeitos, seduzir o jovem delegado a

realizar, com ele, negócios espúrios e, da mesma forma que ele havia lhe tomado a esposa, o jovem delegado tomou-lhe a sua, engendrando com ele e mais alguns amigos encarnados, o encontro fatal.

- e eu, onde eu entro nessa história? Acaso sou uma fatalidade, presente a cena do crime?

- Tu fostes o filho do assassino, que auxiliou no crime hediondo, e que agora também recebe o martírio de se ver separado de teus entes queridos, tal qual a vítima o foi dos seus. É a lei divina em ação. Entretanto, como tivestes participação menor, podes aliviar a jornada.

- e como proceder?

- Deves esforçar-te por encontrar os filhos da vítima, de maneira que o algoz, que obsidia a ti e ao delegado possa arrepender-se e deixar-vos em paz. Os filhos do seu ex-patrão são os filhos do algoz que os obsidiava e contra ele travava uma vingança, não se apercebendo, também, que estava prejudicando indiretamente seus entes queridos. O ódio cega, meu irmão.

Acordei, ainda era madrugada, e tinha uma sensação de que alguém me acompanhava, e desse acompanhamento eu hauria forças para seguir. Fiquei a meditar sobre o sonho e, logo cedo, busquei auxílio com um dos carcereiros, que eu soube era espírita. Fui ter com ele uma conversa fraterna. O presídio contava com uma equipe de auxílio religioso. Resolvi pedir-lhe ajuda.

**08/03/13**

- Ocorre, lecionava o carcereiro, que estamos nessa vida numa passagem. Viemos comprometidos a curar-nos dos próprios males.

Deus, soberanamente justo e bom, deu-nos o livre arbítrio para crescermos, mas nós nos devíamos do caminho. Nesses desvios, e por estes desvios, nessa vida ou nas anteriores, nós acabamos por sofrer consequências do que chamamos da lei divina de causa e efeito.

- Então eu estou preso para expiar alguma falta?

- Bom, se errastes, deves expiar, mas não se coloca as situações de dores na conta de Deus. Deus é amor, nós é que erramos e ele, então, nos permite a correção.

Nesse momento lembrei que eu era inocente, pelo menos dos atos de assassinato de meu chefe, de sorte que, pela pequena lição entendi, de fato, ser uma prova de alguma vida anterior, pois nessa não me dava conta de qualquer desvio de rota.

-E o que devo fazer?

- Deve trabalhar, trabalhar na caridade.

- Mas como vou trabalhar num presídio? O que eu poderia fazer?

- Venha, me acompanhe, vou mostrar para você coisas que você não vê nem ouve falar quando está fora de um lugar como esse.

Fomos então até uma ala que era conhecida como o corredor da morte, pois geralmente o preso que para lá era dirigido saía apenas para o necrotério. Tive medo, queria ir embora. Percebendo meu estranho comportamento meu colega, se assim poderia dizer, enfatizou:

- Para resgatar teus débitos deve doar-se aos necessitados. Jesus não disse que aquele que ajuda um necessitado ajuda a ele e ajudando a ele ajuda a Deus? Deus paga seus filhos laboriosos com a paz.

Fiquei cativado pela brandura do ato de falar e como que hipnotizado pela doce voz, adentrei aos cômodos e fui, entre lágrimas, vendo irmãos meus padecendo dos mais diversos males e homens como eu, ofertando seu tempo e sua bondade como abnegados enfermeiros. Mesmo sem formação, muitos atuavam com dedicação e competência, e também com muita fé.

- Deus supre em nós a falta de conhecimento aprofundado de medicina e técnicas de enfermagem.

- O diretor não vê o que se passa aqui? Nada faz?

- Ninguém vem aqui. Estamos entre doentes e todos tem medo. Preferem mesmo que todos morram.

- Eu não prefiro que morram!

- Então, meu irmão, coloca-te a serviço de Jesus e serás liberto da verdadeira prisão que te encontras, a prisão dos males que impregnaste no teu perísprito.

- O que é perísprito?

**09/03/13**

- Perispírito é o “invólucro” do espírito. Assim como uma maçã tem uma casca, o espírito é envolvido por um manto de energia, que toma a forma humana, porém é volátil, vaporoso, invisível aos olhos de encarnados e tão mais sutil quanto mais evoluído o ser.

- E porquê eu seria um presidiário em espírito?

- As coisas que fazes marcam esse santo invólucro. Assim, se andas no caminho do erro, essa “capa” de energia torna-se mais e mais densa, prendendo-te aos teus problemas e fazendo com que sejas alvo fixo de irmãos que ainda jazem na imperfeição. Torna-te, então, atrativo a seres que te querem a destruição.

- Então estou aqui porque pequei?

- A palavra pecado tem uma distorção. Tu estás na terra para evoluir, para, como eu disse, libertar-te dos grilhões que aqui te aprisionam e esses grilhões são feitos dos erros que cometestes ao longo da tua existência. Agora, cabe a ti reparar esses erros. Tal reparo, antes que tu me questiones, não vem sempre, nem necessariamente, do sofrimento. Podes elevar-te, retirando de ti os pesos, obrando no amor, auxiliando os necessitados. Conhecerás então o verdadeiro amor, o amor incondicional, e teus erros serão passado.

- Devo trabalhar para livrar-me?

- Deves trabalhar no amor e por amor, todo o resto é consequência. Deus não troca favores. Deves ver na criatura que sofre a ti mesmo, e , fazer a ela, ativamente, aquilo que esperarías fosse feito a ti.

Pensei comigo, que homem de bem esse carcereiro. Que benção encontra-lo aqui, nesse lugar. Agradei-lhe profundamente as palavras e perguntei se mais irmãos daqui pensavam como ele.

- Não muitos, mas agem no bem e isso importa. Os rótulos que o mundo nos impõe nada significam. O que realmente conta é o amor aos semelhantes. Se te dispuseres a trabalhar conosco já terá dado um grande passo em tua vida espiritual.

- Estou disposto.

- Então, amanhã, cedo, vai até o posto, na entrada deste prédio e te inscrevas no programa. Diga a eles que teve a indicação minha e eles te encaminharão para o trabalho. Seja disciplinado e siga.

- Por certo. Qual é o seu nome?

- Azarias.

- Nome incomum.

- É um nome.

- Então, até logo meu amigo. Nos vemos amanhã.

Disse isso e saímos. Ele para um lado e eu para o outro, até a minha cela. Adormeci.

**10/03/13**

Foi um sono tranquilo, há muito não repousava e me sentia bem. Acordei com alguma esperança pois, mesmo estando naquele lugar eu poderia ser útil. Fui ao costumeiro banho matinal com água gelada de um cano que chamávamos de chuveiro, mas que vertia água em grande pressão, com os jatos estralando no chão frio e em nossos corpos.

Depois disso, depois de uniformizados, podíamos ir à cozinha para o café, em seguida, cada qual entregava-se aos afazeres diários.

Aqueles que não queriam trabalhar iam para suas celas, viver no ócio, e aumentar o seu aprendizado no crime. Fui até o posto e me apresentei.

- Bom dia! Sou Genaro e quero me apresentar como enfermeiro.

- Seja bem vindo. Vamos te encaminhar para auxiliar um companheiro. Tome, preencha essa pequena ficha e em seguida venha até aqui para uma vacina.

- Vacina?

- Sim, os escalados para trabalhar aqui recebem algumas vacinas para não contraírem algumas doenças.

Peguei a ficha e em alguns minutos a preenchi. Levantei e entreguei-a ao colega. Ele a leu, entregou ao outro enfermeiro. Os dois se entreolharam e um deles exclamou:

- Aqui está escrito que soube do serviço por um amigo chamado Azarias?

- Sim, estive com ele aqui ontem, visitando o local.

- tudo bem. Vamos aqui, vamos tomar um remédio, as tais vacinas e depois iremos até o quarto de nosso amigo.

Levou alguns segundos apenas. Não gostava muito de injeções mas me sentia seguro. Embora o local fosse rústico, as coisas corriam organizadamente. Depois de devidamente vacinado, segui pelo corredor com um dos “receptionistas” . Não era algo tranquilo, ouvia-se muitos gemidos e gritos de dor. Muitos se apresentaram para mim nas portas dos quartos, voluntários como eu, e eu me sentia bem. Eram olhares de boas vindas, olhares compassivos de dedicados servos do Senhor. Ao fundo, no alto, um quadro.

- Meu amigo Azarias! Exclamei.

- Ele foi importante?

- Foi sim, disse meu condutor.

- Desencarnou faz uns 30 anos, mais ou menos.

Fiquei perplexo. Aquele homem havia estado comigo há poucas horas.

- Não se assuste. Se realmente estiveste com ele, certamente é por uma boa causa. Trabalhamos todos pela mesma causa, o amor entre os semelhantes.

Chorei e meu amigo colocou suas mãos em meu ombro, e paramos diante do quarto onde desempenharia minhas tarefas a partir daquele glorioso dia.

**11/03/13**

Adentrei àquela cela, transformada em quarto de hospital. Na cama jazia um homem, já de idade, e que parecia muito fraco. Já não andava, nem se mexia. Todavia, apesar do sofrimento físico visível, tinha o olhar terno, de resignação.

Mal balbuciava palavras. Para ouvi-lo eu precisava me aproximar muito. Estranhamente, como que movido por uma força interior que eu não conseguia explicar, aproximei-me sem qualquer receio de contágio, movido pelo cativante olhar. E ele me disse:

- Como vai meu irmão?

Não pude conter a emoção.

- Não te preocupes! Ele disse.

- vou me esforçar ao máximo para não causar nenhum constrangimento. Esse corpo aqui já errou muito pelo caminho e creio que estou impossibilitado de mover-me por misericórdia divina.

- Como assim? Perguntei.

- Muitas doenças nos servem para que não venhamos a incidir em erros, comprometendo mais uma existência. Confesso que usei mal a minha, mas tenho procurado redimir-me, auxiliando companheiros de jornada.

Achei estranha a colocação , pois ele estava paralítico, como poderia auxiliar os outros? Mas ele deve ter lido meus pensamentos.

- Posso ser útil demonstrando vontade de viver, de reparar meus erros, usando o pouco que me resta, dando o meu testemunho para que outros irmãos não caiam em erros. Recebo, todos os dias, muitos amigos aqui deste lugar para aconselhamento e peço apenas que os enfermeiros daqui ajudem-me a banhar-me a fim de que a estada dos amigos que me visitam seja agradável.

- Terei o maior prazer em ajuda-lo meu irmão.

Passei então aos afazeres, que incluíam lavar o local, lavar as roupas do meu “paciente”, trocar-lhe as roupas e ajudar-lhe na alimentação. Dei também o meu toque pessoal, arranjando um vaso de azaléias que pedi para a minha esposa. Os olhos de meu amigo brilhavam e meu coração irradiava luz. Até a minha esposa notou a melhora em minha motivação e viu a serenidade instalada em minha face, mesmo vivendo esse particular pesadelo.

A cada dia eu era brindado com uma nova lição de perseverança e de alegria de viver mais um dia. A “prisão” do meu mais novo amigo era, para mim, a pior das prisões. Comentava com ele esse aspecto, mas ele dizia:

- É uma prisão temporária, não uma prisão perpétua Genaro. Errei muito e agora aceito resignado a minha sentença de amor. Deus não castiga, ele ama. Quando eu era mais novo fui motivado pelo prazer mundano e me desviei do caminho. Hoje,

depois de muito tempo de vida, quase no final da existência, reconheço que nada importa mais que o cultivo de valores espirituais.

Espero que Deus tenha misericórdia de muitos que seguem o mesmo rumo que eu, quando jovem, perseguia. É preciso voltar-se mais para Deus e para a elevação moral.

Durante a minha doença tenho refletido muito e devo dizer-lhe que ainda há tempo para a redenção de todos, basta amar ao próximo dedicando-lhes os auxílios necessários, tanto quanto possamos.

**12/03/13**

Todos os dias as lições repetiam-se. Seguia nos meus afazeres e observava o meu mais novo amigo a auxiliar pessoas que o procuravam para receberem aconselhamento.

Cedo percebi que o auxiliado ali seria eu. As mazelas daquele frágil corpo eram insignificantes. Eu o tratava com muito desassombro e tranquilidade.

Fazia mesmo a minha obrigação com muito empenho, para que o meu irmão pudesse fazer a dele, com muito amor. Como o mundo seria diferente se cada um fizesse a sua parte.

Depois de um tempo de convívio, senti-me guiado a pedir-lhe auxílio. Humildemente me aproximei e disse:

- Querido irmão, preciso de vossa ajuda para um mal que me angustia.

- Pois sou todo ouvidos!

- Eu sou inocente! Não cometi crime algum. Estou sendo mantido preso apenas para acobertar o verdadeiro executor.

Um silêncio se estabeleceu. Por alguns momentos achei que estava sendo medíocre. Diante de tamanho problema que meu irmão acamado passava eu estava impondo-lhe um problema insolúvel. Todos queriam sair daquele lugar e alegações de inocência eram lugar comum. Todavia ele me respondeu:

- Se a inocência mora em seu coração, tu encontrarás um jeito de prova-la. Ninguém paga o que não deve. Mas deve lembrar-te que, quando falamos de inocência não estamos a nos referir a apenas uma vida. Então as aflições que te tocam tem algum sentido.

- Mas o que eu faço para reparar o mal que possa ter feito para que me seja restituído o direito de ser livre novamente e continuar a vida em família?

- Amar ao próximo, exercendo a caridade. O que de certa forma já o fazes. Ter resignação diante da prova e recordar-se que à ninguém é ofertado cálice indevido.

Seguir raciocinando para encontrar um meio lícito, não violento, para provar a sua inocência, e orar, pedindo à Deus e aos bons espíritos que o assistem para tomar as melhores decisões possíveis. É preciso ser racional para que não sejas tragado pelas oficinas do mal aqui presentes, que pretendem te manter cativo e destruído. Fazendo alarde despropositado tudo o que provocarás será a tua ruína.

Saí dali pensativo e passei a estudar um meio de defender-me das acusações que me eram imputadas. Dali duas semanas teria minha primeira audiência com o juiz. Precisava pensar em algo. Orei.

**13/03/13**

“Pai misericordioso, tu que criaste e gravas-te na minha consciência as tuas leis de amor, que eu usurpei, reconheço as minhas falhas e rogo-te o perdão e o auxílio no aumentar da minha fé e resignação. Preciso da clareza dos pensamentos, das portas abertas para o encontrar das melhores decisões segundo o meu merecimento.

Que eu possa seguir em auxílio ao próximo e que este auxílio seja para mim a luz que me falta para o caminhar rumo a ti. Peço-te humildemente que eu possa logo estar com a minha família, e que eu resgate minhas dívidas, saindo desses obstáculos mais humilde, manso, caridoso e consciencioso dos meus deveres para comigo e para contigo.”

Ao dormir, profundamente, me deparei em um lugar maravilhoso, com uma luminosidade intensa, brilhosa, que nem mesmo os ensolarados dias de primavera na terra conseguiam reproduzir. Tratava-se de um bairro em uma cidade.

Todavia a cidade não tinha habitantes. Olhei, lá adiante, e vi um senhor. Para a minha grata surpresa tratava-se daquele senhor que, tempos atrás, compartilhava a cela comigo, na delegacia.

Ele acenava para mim em silêncio, chamando-me e pedindo que eu fosse até ele. Segui pelas ruas estreitas, com casas em estilo açoriano, janelas de madeira, telhas rústicas de barro e calçamento irregular. Na esquina, dobrei, e não mais o vi.

Vi, apenas, mais adiante, uma igreja sobre um pequeno monte e lá parei, como que impulsionado por uma força irresistível. Segui. Todo o percurso não foi acompanhado por qualquer ser, embora eu tivesse a nítida impressão que estava a ser observado.

Subi as escadarias e adentrei à Igreja e, mais uma vez, me surpreendi. Havia uma indicação para uma biblioteca, que adentrei. Muitas mesas, e sobre ela um livro aberto. Dirigi-me até lá e, por impulso, sentei e passei a folheá-lo.

14/03/14

Para a minha surpresa, embora a capa do livro fosse bem antiga, amarelada, as páginas estavam em branco. Folheei e nada vi.

-É algo a ser escrito, disse-me uma voz que reconheci ser do meu dileto amigo de outrora.

- Escrito por quem? Indaguei.

-Por você mesmo. Deves seguir em frente, preparando-vos para deixar um exemplo de amor ao próximo e de verdadeiro combate pela implantação do bem no teu entorno.

Entenderás o propósito adiante. Por hora te basta saber que deves estabelecer um exemplo a ser seguido. É o que representa o livro. Cuida para que nessas páginas eternas seja escrito algo digno de ser seguido, pois aquele que escreve no livro da vida escreve a tinta e, refazer as páginas é possível, mas custoso se não optares pelo amor.

Só é possível apagar os erros recomeçando as frases, nunca pela borracha ou pela rasgadura. A cada existência escreves um volume da tua vida espiritual.

Olhei em volta e tive uma intuição. Todos aqueles livros na estante seriam meus volumes?

- Isso mesmo, respondeu a voz. Estás diante dos escritos da tua vida.

- Fiquei estarecido pois a sala era imensa.

- Mas quantas vidas tive?

- Incontáveis, meu irmão, incontáveis!

- Posso conhecê-las?

- Não é conveniente saber tudo. Antes melhorai-vos e segui em frente. Algumas experiências que tivestes de nada serviriam para teu adiantamento. Prudente é que recomeces a escrever esse livro que tem em mãos, sem lembranças diretas que poderiam estragar mais uma existência.

- E o que devo fazer?

- Buscar o autoconhecimento e a caridade, e os caminhos a seguir surgirão sem dúvida alguma.

Neste ponto tudo desapareceu e voltei ao meu mundo real, em minha fria cela.

**15/03/13**

Levantei cedo e me coloquei a trabalhar. Depois de algum tempo percebi que o trabalho pelo bem do próximo trazia para mim a paz que necessitava. Não mais pensamentos de vingança e de rebeldia contra a “injustiça” praticada contra mim.

Aliás, havia aprendido que a sensação de injustiça era o equivalente a rebeldia espiritual, afinal, se tudo tem um propósito, não havia iniquidade e sim aprendizado.

Com essa perspectiva não somente a pena me era mais leve quanto aprendi a suportar provocações e a imensa saudade do convívio com minha esposa e filhos, que me visitavam regularmente e viam em mim a resignação.

A confiança sempre reinou entre nós e era visível a compreensão de minha esposa de que eu não era um assassino.

Contei-lhe toda a história, entre lágrimas, e a minha suposição, do porque eu estava naquelas condições e, entendemos, que para o nosso bem eu deveria manter-me resignado e cooperativo. Provar minha inocência seria acusar o assassino, o que tornaria o meu propósito de felicidade mais difícil.

16/03/13

Passou o tempo que a minha determinação era a vingança. Agora eu estava imbuído de um novo sentimento. Nem mesmo as dificuldades que se apresentavam dentro daquele lugar escuro me demoviam da vontade de auxiliar àqueles que eram considerados a escória da escória, o verdadeiro lixo social.

Imaginem criminosos doentes! Quem lhes devotaria compaixão? Pois o Cristo não vos disse que quem devota auxílio a um preso auxilia o próprio cordeiro de Deus, e assim auxilia o próprio Deus?

Esse amor pela tarefa de cuidar era agora meu combustível. Aplicava-me ao trabalho diuturnamente, chegando à exaustão ao final do dia, quando atirava-me ao descanso.

Tal cansaço permitia que eu nem mesmo sentisse qualquer dor e até mesmo a fome era diminuta. Que benção é o trabalho edificante.

Alimenta-nos a alma e por consequência o corpo é balsamizado. O amor ao próximo trás sensação indescritível. Meu trabalho já era reconhecido internamente e, como todo trabalho cristão, já despertava algum incômodo em mentes ainda imperfeitas.

Eu era agora respeitado aonde o respeito era construído, basicamente, pela violência e pelo terror.

**17/03/13**

Descobri que havia no presídio muitas igrejas e que, numa das celas fechadas por tapumes, tínhamos uma casa espírita.

O ambiente era simples, como deve ser. Com cadeiras, uma mesa e um púlpito improvisado. A direita de quem entrava podia-se ver uma porta e atrás dessa porta havia uma sala, com uma modesta mas importante biblioteca.

Qual minha surpresa quando lá, entrei e vi todos os meus companheiros de enfermagem. As palestras ocorriam aos sábados `a noite. As terças-feiras tínhamos estudos em um grupo. As palestras eram mais ou menos concorridas, os estudos nem tanto. Havia até o comparecimento dos carcereiros.

Muitos deles acompanharam os cultos no início, para verem do que se tratava, por razões de segurança e, em seguida, acabavam cativados pela razão da doutrina.

Felizmente, lá dentro, éramos todos iguais. Era possível ouvir os cânticos de um agrupamento evangélico, o que enriquecia nossas palestras com espiritualizada música de fundo. Parecia algo orquestrado pelo Alto. Em momentos sublimes e oportunos lá vinha o coro evangélico.

Conheci lá homens que haviam cometido crimes violentíssimos, mas que haviam ajustado seu modo de proceder a altura dos ensinamentos do Mestre Nazareno Jesus. Ainda que a possibilidade de cultos religiosos no local pudesse ser estratégica para a direção, penso que, no fundo, somos filhos de Deus e,

assim, aonde quer que estejamos, estaremos com as suas bênçãos. Além disso, desde os primórdios, o homem reconhece a instância superior gravada na sua consciência, quando criado como espírito individualizado.

Natural que o homem se agrupe para louvar. Trabalhávamos na caridade todos os dias e, à noite, nos dias de culto, nos encontrávamos novamente, sempre leves de coração, e juntávamos, enfermos e enfermeiros, para aprender mais e solidificar uma afeição indizível uns pelos outros.

Ajudávamos- nos, crescíamos como um conjunto orgânico, algo só explicável em função da bondade e da misericórdia do criador. Nossas dores físicas e da alma já não nos dilaceravam como outrora. Ao final, despedíamos e seguíamos para nossas frias celas, mas aquecidos pela presença sentida da espiritualidade, que certamente nos assistia. Deus está em todos os lugares. Somos todos seus filhos.

Basta abrirmos nossos corações e poderemos senti-lo, aonde quer que estejamos!

**18/03/13**

“De sol a sol rumávamos para os nossos afazeres diários. Meses se passaram nesse ritmo incessante de amor. Não era sempre que tínhamos a alegria de ver um irmão curado de suas chagas materiais. Muitos, muitos mesmo, por conta até das condições insalubres partiram para a morada espiritual.

Sofríamos, mas, robustecidos na crença da vida espiritual, resignados, sabíamos que esses irmãos estavam libertos do cárcere maior que é a vida em um corpo carnal. As despedidas eram simples, como tem que ser, afinal o ser imortal não permanece encerrado no corpo inerte ou parte para sempre.

Deixamos e recebemos marcas em nossas vidas pelas atitudes que temos e permanecemos em sintonia com nossos iguais. A vida no cárcere não significa a vida no mal. Sempre é possível recomeçar, tal qual Paulo de Tarso.

A boa vontade na direção do Cristo é capaz de transformar totalmente um ser, que sempre tem gravado em si a semente do amor. Basta uma centelha de luz para que ela germine.

Fui chamado à sala do diretor. Subi e adentrei. Estava me aguardando

- Ora, veja, o servidor mor da enfermaria. Que transformação!  
Ainda não compreendi a estratégia...

- Minha estratégia é amar meus semelhantes.

- Quanta aplicação. O que pretende? Nunca conheci alguém desprovido de amor próprio, que não pretendesse uma vingança, frente a uma injustiça.

- Olho por olho, dente por dente não me cabe. Essa tarefa é de Deus.

Por um momento meu algoz cerrou o cenho. De alguma forma os espíritos encarnados mesmo sobre os efeitos do véu do esquecimento penso que recobram algumas lembranças intuitivas.

- O que seu Deus fará por você? Ele abrirá as portas da cela e te libertará daqui?

- Ele já me libertou. Não é necessário uma libertação física para que exista a verdadeira liberdade.

Vi que a jugular dele estava aparente, e calei-me.

- Guarda! Disse ele, esse indivíduo me insultou! Leve-o para a solitária. Uma semana no cubículo e ele aprenderá a não desacatar-me.

Fiquei surpreso, mas lá fui eu, mais uma vez, cumprir pena. Todavia, desta vez, já não sentia mais o calor da ira. Até o carcereiro surpreendeu-se de não precisar usar a força para a condução. Segui em silêncio pelos corredores, meus irmãos olhando para mim como que em oração para que eu resistisse.

Minha maior dor era porque ficaria distante dos meus afazeres, com meus irmãos desvalidos.

- Coragem irmão! Cuidaremos de tudo até a sua volta, e estaremos em oração por ti.

Segui. A escuridão tomou conta do ambiente e ouvi o trancar da cela minúscula, sentindo a umidade e o frio do lugar. Mês meu coração estava aquecido em Jesus!

**19/03/13**

A escuridão me tomava, a fome me perturbava, a sede, a falta de espaço... Confesso que se não fosse todo o preparo espiritual que havia conquistado com meu esforço eu teria sucumbido.

Passei lá o dia, com dor e desalento, é claro, mas sei que é Deus, através dos seus benfeitores espirituais estava presente. Até conseguia dormir, coisa quase impossível quando estagiei no cubículo em outras épocas.

Orava e pedia para Jesus para que dali logo saísse e fosse ter com meus irmãos necessitados. Eu queria me doar por completo.

Depois de algum tempo que não sei contar, finalmente a porta se abriu.

- Pode sair!

Fiquei inerte de fraqueza.

- Vamos, saia!

Saí me arrastando, e fui levado também de arrasto para a minha cela, onde deitei em meu colchonete.

Estava exaurido fisicamente, mas conseguia sorrir para meus amigos, que me retribuíam os sorrisos e, assim que o carcereiro saiu e fiquei sozinho entre os meus, recebi uma salva de palmas.

Meus companheiros de jornada diziam que eu irradiava luz e alegria e, apesar do corpo cansado, a alma estava radiante. Eu estava de volta ao trabalho com o Divino Mestre!

**20/03/13**

No dia seguinte fui recebido no trabalho com afagos na alma, com muitos sorrisos, e retomei, humildemente, as minhas tarefas. Sentia-me tocado de uma felicidade que hoje penso ser a mesma dos cristãos fiéis levados ao circo.

Eu já não tinha a vingança por meta e sim o perdão e a resignação. Bendito seja Deus, louvado seja o Senhor Jesus. Tanto amor demonstrou e eu não só captara a lição como estava agindo de acordo, o que me confortava.

Meus amigos me diziam que estar ao meu lado transmitia confiança e muitos, vendo-me a dedicação , ganhavam força para atuar nas situações escabrosas que vivíamos.

Portanto, também meus algozes reparavam, pois pensavam ver-me abatido e desolado após o duro estágio no cubículo. A grande maioria dos irmãos encarnados que passaram por essa prova não suportaram e acabaram por cometer suicídio.

Eu estava longe disso. Queria viver e amar ao próximo como nunca tivera feito e agradecia ao bom Deus constantemente pela oportunidade vivida na dor do cárcere que me despertou para a vida espiritual. Éramos uma família.

**21/03/13**

Muitos adoeciam e vinham ter conosco. Éramos poucos em quantidade mas hoje tenho a certeza que o amor pelo próximo é mesmo capaz de multiplicar.

Embora víssemos os mais variados sofrimentos, víamos também resignação e coragem! Homens que verdadeiramente se arrependeram e aguardavam a libertação da alma.

Em alguns, a dor mais pungente não era física e sim a dor do abandono dos familiares. Mesmo assim seus semblantes indicavam o perdão supremo, que elevava a alma.

Nós fazíamos a nossa parte, sabedores que éramos remissos não da pena terrestre mas sim de nossas imperfeições seculares.

Bendito aquele que reconhece suas fraquezas frente ao Criador e segue buscando sua renovação íntima. É o verdadeiro seguidor do Cristo.

**22/03/2013**

- Como vai? Disse-me ternamente minha esposa.

- Vou melhor. A cada dia sinto-me mais próximo da verdadeira liberdade e sinto também que se aproxima o dia em que sairei daqui. Sabe, não me vejo trabalhando em outro local. Sinto que minha vida é trabalhar com doentes, necessitados.

- você é uma alma boa.

Percebi um certo ar de tristeza nela e perguntei:

- o que se passa?

Ela não pestanejou:

- Sabe, já faz muito tempo que você está aqui.

- Sim, eu sei, sinto saudades!

-Eu também, mas...

- mas?

- Mas eu me acostumei a passar às noites sem você. Fiquei deprimida e acabei por conhecer um outro alguém.

Meus olhos se encheram de lágrimas e não pude conter-me.

- como pode? E nossos filhos?

- eles não vão deixar de te amar. Quando você sair daqui nós trataremos disso, não se preocupe. Eles te amam e eu não serei causa de separação entre vocês.

Calei-me, as lágrimas me corriam a face, bem como as dela também rolavam. Assim, calado, deixei a cela e fui ao pátio sozinho. Isolei-me por cerca de uma hora e, quando retornei, ela não estava mais lá. Só havia um bilhete:

- Desculpe-me: Deus esteja contigo!

**23/03/13**

Meu coração estava dilacerado. Foram tantos anos de convivência, e tínhamos filhos. Como pode, em minha ausência, deixar o amor acabar.

Pela primeira vez, nos últimos tempos, peguei-me deprimido. Passava em minha mente as lembranças de nosso namoro, noivado, casamento, nascimento dos filhos, ao mesmo tempo que sentia que estava agora só, preso, desamparado e que não teria como recorrer a ninguém em caso de necessidade.

Estava ingressando numa tristeza, quando uma pequena réstia de luz, vinda de fora, ampliou-se em minha cela. Eu não podia fixar o olho nessa fonte de iluminação. Fiquei atônito e de lá surgiu uma voz, que me disse: Não te entregues a tristeza, ninguém está só.

Todos temos quem vele por nós, inclusive tu. Arrefece teu coração no auxílio dos necessitados, entrega-te ao trabalho com disciplina e deixa as tuas queixas para trás.

Jesus olha por ti e nada te faltará. Urge que te coloques à disposição do amor divino para que se cumpra aqui a mensagem de fraternidade que o Cristo veio pregar.

Sê forte, pois o pensamento é fonte de sintonia e te colocas através dele, em proximidade com os que se afinizam com a tua mente. Eleva-o para que possas atender às mensagens do alto trabalhando assim com o divino mestre.

Dito isto a luz se foi e eu peguei-me de joelhos na cela. Levantei-me e fui até a beira do cárcere, olhei para adiante e nada mais vi. Todavia me sentia melhor, revigorado, e certo de que Jesus olhava por mim naquele momento difícil. Orei fervorosamente, me acalmei e dormi. Os dias avante prometiam.

**24/03/13**

Por dias acordava com o pensamento em minha família. Penso que a dor era profunda porque dali não se podia sair para tentar refazer as coisas.

Pensava muito na solidão de meus filhos. Eu era honesto, trabalhador e pretendia dar a eles uma boa educação e futuro, mas estava ali, vitimado por uma injustiça terrena, mas que certamente não se tratava de uma injustiça espiritual.

Esse era o sentimento que me confortava e também a proximidade dos irmãos de doutrina e necessitados, que, não fosse nossa atuação, padeceria das atrozes dores que a solidão causa.

Talvez não exista dor mais pungente que o abandono. E o abandono no cárcere, ah, esse o mais sofrido dos abandonos. O ser, descartado pela sociedade como criminoso, quando adoece, é o pária dos párias.

Aos olhos do medonho egoísmo social, é o lixo humano. No entendimento das massas não merece ser reeducado e sim queimado, sepultado na masmorra profunda do esquecimento. Quanta dor.

Mas Deus não abandona nenhum dos seus filhos e a todos oferta a redenção. Éramos nós, então, o braço de Deus naquele lugar esquecido dos homens.

Ergui-me no bem, balsamizando feridas abertas no corpo e na alma, juntamente com meus abnegados amigos. Éramos seis, mas em

trabalho parecíamos um exército municiado pelo amor e certamente revigorados pelos benfeitores espirituais.

Lutávamos contra a falta de todos os recursos, mas nosso exemplo sensibilizava carcereiros, visitantes e parentes de outros presos que traziam os materiais necessários para o auxílio. Era Jesus, providenciando o auxílio pelas mãos humanas. Chegavam remédios, mantimentos, roupas. Despertávamos atenção.

**25/03/13**

Nossa dedicação virara exemplo para outros presídios e até reportagens foram feitas, que ganhavam os jornais.

O próprio diretor, meu algoz, recebia a atenção de autoridades. Tínhamos virado objeto de propaganda.

Nós, entretanto, não nos dávamos à publicidade, sabedores que a verdadeira caridade não expõe as mazelas alheias ao grande público. Seguíamos trabalhando por nossos irmãos sofredores e dispensávamos aplausos. Tínhamos inimigos, evidentemente.

A inveja sempre está presente, mas, uma vez que o diretor da casa recebia atenções, nós acabamos recebendo proteção.

- Vocês são meu orgulho, apesar de serem criminosos.

Muitos de nós ficávamos perplexos com a atitude de propaganda efetuada, mas conhecendo bem a lei de causa e efeito seguíamos vigilantes e laboriosos na causa de amenizarmos as dores alheias.

Embora o prédio fosse rústico e até impróprio para um hospital, os recursos não nos faltavam mais.

**26/03/13**

Fui chamado a ter mais uma conversa com o diretor. Temia eu por mais um estágio no cubículo.

-Sente-se.

Fui recebido com surpreendente pompa.

- Tenho observado você. Continuamente. Ainda não compreendi seu plano. O que pretende?

- Pretendo apenas servir tal qual Jesus, retuquei.

- Pois sim. Acho que é um belo estratagema, mas não irá funcionar. Se pensa que permitirei que você se torne um mártir aqui dentro está totalmente enganado.

-Não pretendo tornar-me mártir. Aqueles que fazem o bem nada devem esperar em troca.

-Bom, amanhã verei o que fazer com você. Pode se retirar.

Sai da sala e voltei ao trabalho. À tarde, uma grata surpresa. Minha irmã veio me visitar. Trouxe-me broas e meus filhos! Senti a ajuda espiritual a caminho. A presença deles fez meu dia mais alegre e revigorou minhas forças.

- Papai, quando o Senhor sairá daqui?

- Em breve meu amor, em breve.

- Mamãe disse que o senhor é enfermeiro!

- Pois sim minha querida, eu ajudo os doentes aqui. Trago-lhes remédio, conforto. Fiz muitos amigos.

- que bom papai. Oramos muito pelo senhor.

Marejei meus olhos quando ouvi essa frase.

- Obrigado minha querida! Eu sinto que vocês oram por mim.

- Como assim papai?

- A oração de vocês é como uma chuva de rosas para mim. Quando vocês oram por mim sinto-me perfumado e revigorado, como se eu estivesse tomando um banho com flores.

Eles, então, se foram. O horário de visitas tinha acabado. Mas seu partir já não me decepcionava. Eu ficava com o Cristo e sabia que todos ficaríamos bem.

**27/03/13**

Adentrei a cela de Armínio, que jazia de uma doença desconhecida, com prostração, febre e muita tosse.

Mal podia falar.

Aproximei-me. Olhamo-nos e não foi preciso falar nada. Havia em seu olhar um terno pedido de misericórdia para que eu lhe aliviasse as dores, tanto quanto possível. As doses de remédios ministradas já não faziam mais efeito. Impus-lhe, então, minhas mãos em oração e pedi:

- Pai de infinita misericórdia, nós aqui lhe agradecemos o bálsamo da instrução edificada na dor. Regozijamo-nos nesse sagrado ensinamento e lhe rogamos, se for de vossa vontade, pelo vosso amor e perdão, apaziguar a dor desse irmão que aqui se apresenta nesse leito. Que o bálsamo do vosso amor repouse sobre esse caminhante e ele possa receber os benefícios que, porventura, tenha merecimento.

Rezei então um pai nosso e vi que meu irmão adormeceu lentamente, serenamente. Cobri-lhe e parti para a próxima atividade.

**29/03/13**

Tive grata surpresa no dia seguinte. Armínio estava ligeiramente melhor e inclusive já pronunciava algumas palavras. Das poucas que disse, uma não posso esquecer:

- Obrigado!

Tão simples palavra soou fundo e eu a reproduzi para o Cristo, que obra por nós em auxílio aos nossos irmãos.

Todo aquele que dá de si para um irmão necessitado é ao Cristo que dá, auxiliando-o na obra de redenção da humanidade. Meus amigos de trabalho perceberam a melhora de Armínio e louvavam à Deus por eu ter sido um instrumento eficaz de sua manifestação.

- Você fez um milagre.

- ora, sabes que não. Eu apenas tenho procurado o bem e creio que vou afiando-me como ferramenta para o uso de Jesus.

- Muitos falam que você cura as dores das pessoas.

- Precisamos eliminar esses boatos, eu sou apenas uma ferramenta.

Nos dias que se passaram eu percebi que o movimento aumentou na enfermaria. Nas reuniões do “centro” improvisado olhares diferentes se acercavam de mim.

- Podes curar-me Genaro? Disse-me Pedro.

- Meu irmão, quem cura é Deus. Eu posso ajuda-lo a encontrar a cura.

- Há dias que manifesto uma dor na altura do meu estômago. Já consultei alguns médicos em hospitais, disse-me um dos carcereiros.

Impus-lhe as mãos e fiz uma oração. Pude perceber uma concentração de energia deletéria na região da barriga. Fui orando e parecia tranquilizar o irmão na medida que orava. Encerrei e disse-lhe:

- Deves procurar um médico, para verificar se organicamente tu estás bem. Em termos energéticos tu te encontrarás melhor nos próximos dias. Te aconselho também a estudar o evangelho do Cristo. Temos para ceder por empréstimo, podes obter um conosco. Se for possível, reúna a família em casa e ore em conjunto com eles, o que não somente te auxiliará organicamente como harmonizará o teu lar.

- Sinto-me aliviado. Obrigado!

- Não há de quê. Agradeça a Jesus pois eu sou apenas uma ferramenta à serviço do bem.

Segui por muitos dias atendendo meus amigos e por vezes até familiares em horários de visitação. Fui orientado que seria levado a uma audiência com o juiz. Fiquei esperançoso de uma boa notícia, ao mesmo tempo que temeroso que pudesse ser libertado!

O hospital já fazia parte da minha vida e não me via mais distante de meus irmãos. Estava comovido. Queria ficar e auxiliar a todos.

Penso que o diretor queria me ver fora dali, pois levei esperanç  aos desesperados. Pessoas que eram exiladas para morrer, gente que todos queriam ver desamparados eu os trouxera de volta a vida. Orei

na minha cela e coloquei-me nas mãos do senhor. Ele é que decidiria a minha vida. Expus meu desejo de permanecer em trabalho onde muitos, muitos mesmo jamais se aproximariam.

Quem atende presidiários, homens que cometeram erros mas que tem o direito de recomeçar? Pouquíssimos.

Pedi à Deus que não me exilasse, não me desse o ostracismo fora dos muros da prisão, que para mim, se tornara um verdadeiro lar. Eu queria o que todos não querem, eu queria ficar e trabalhar por meus irmãos.

**30/03/13**

- Senhor Genaro, tenho notícias de seu excelente comportamento. Soube de sua integração aos serviços de enfermagem.

- Excelência, eu apenas me juntei àqueles que amam seus semelhantes. Há muitas necessidades entre os doentes. Faço o que posso.

- Pela análise de seu perfil, já tenho condições de soltá-lo.

- Excelência, eu seria grato se pudesse ficar.

- como assim? Não quer ser liberto? Não tens família ou outros interesses?

- Minha família é aqui, entre os desvalidos.

- Eu lamento, mas o direito não prevê que possas ficar.

- Mas Excelência, então alguém que quer obrar por seu semelhante não o pode fazer voluntariamente?

- Não somos uma instituição de caridade. Somos uma penitenciária. Entretanto, poderei estudar melhor o seu caso e quem sabe viabilizar uma forma de continuares em serviço. Deves lembrar, entretanto, que tens filhos e portanto obrigações, que não podes faltar.

- Eu compreendo. Peço então que, com seu conhecimento jurídico, ajude-me a manter em funcionamento nosso trabalho coletivo pelos marginalizados dos marginalizados, aqueles que a sociedade, salvo poucos, enviou ao ostracismo, mas que são também espíritos

viajantes, os quais terão, cada um segundo seus méritos, os benefícios do grande coração de Deus.

- Genaro, soube que és espírita. Tenho um presente para você.

O Senhor juiz virou-se e, dentro de um pequeno armário, retirou muitos livros espíritas, de uma caixa.

- Tome. É uma doação minha para a biblioteca. Sou simpatizante. Faça bom uso.

Meus olhos brilharam. Eu poderia, agora, instruir-me e auxiliar ainda mais os meus amigos.

-Agradeço! Sei que Jesus opera por ti.

- Assim seja!

Sai reconfortado, os carcereiros que me acompanhavam também, pois éramos todos irmãos na fé raciocinada e todos teríamos oportunidade de evoluir com as leituras. Todavia, sai pensativo, pois logo eu teria que sair. Mas confiava em Deus pois ele nunca deixa uma iniciativa sua inacabada.

- Por que te lamentas? Poderás ir.
- Ocorre que minha vida hoje é aqui, diante dos oprimidos do cárcere.
- Louvável atitude, mas terás a liberdade, poderás estar com os teus trabalhos.
- Mas não há trabalho mais gratificante, mais balsamizante que estar entre aqueles que precisam de auxílio.
- Não queres ser solto não é?
- Claro que não. Quero apenas confortar os que jazem sem auxílio neste mundo.
- Teremos que pensar em algo então, pois não creio que exista a possibilidade de cárcere voluntário.

Rimos todos, mas meu riso era contido. Realmente onde todos viam uma solução eu via um problema. Eu queria permanecer auxiliando aqueles irmão em Cristo. Aqueles especificamente, pois não são lembrados de maneira nenhuma pela sociedade. Penso que meu exemplo fazia adeptos. Louvado seja. A melhor tribuna é o exemplo.

**01/04/2013**

Já éramos doze abnegados no atendimento e já víamos sorrisos onde antes somente havia dor e desesperança. Recebíamos doações de mantimentos, roupas de cama e remédios e tivemos até o merecimento de uma visita médica mensal.

Doutor Cláudio era clínico geral e vinha até o presídio voluntariamente. Dava-nos as receitas, sugeria-nos procedimentos e atuava em prol dos amigos acamados.

- Genaro, soube que você começou tudo isso!

- Na verdade eu cheguei mais tarde. Já havia abnegados por aqui.

- Sim, mas a sua dedicação e motivação é que foram o combustível para o desenvolvimento dessa ação caridosa.

- Ora, segui apenas o conselho de meu mestre.

- E quem é tão caridosa criatura? Quero conhece-lo.

- É Jesus meu caro doutor. O grande médico das almas.

Ele me olhou com lágrimas nos olhos e, em silêncio continuou o procedimento de curativos em Ângelo, um preso que tinha seu corpo cheio de feridas que não cicatrizavam.

- Vou trazer , na próxima semana, uns compostos para passarmos sobre essas chagas, isso o aliviará e cicatrizará suas feridas.

- Obrigado Doutor. Deus o proteja e ampare.

- Não há de quê, meu filho.

Foi-se. Eu o vi saindo cansado, mas com a fisionomia serena, de quem tinha a sensação do dever cumprido em auxílio a um irmão de jornada.

Era uma jornada dupla e fazia com muita dedicação e respeito pelos encarcerados. Eu estava feliz. Deus havia me mostrado o caminho para a paz espiritual que é muito mais relevante que qualquer temporária paz material, terrena.

**2/04/13**

Pela manhã recebi uma visita. Era um senhor que se dizia meu advogado, contratado por minha esposa, ou deveria dizer, ex-esposa. Para ele, a notícia era alvissareira, eu estaria liberto antes do final de semana.

Para mim a notícia aterrorizava. Disse a ele que queria ficar, e ele, primeiramente sorriu, pois pensou que eu estivesse reagindo sarcasticamente. Todavia insisti no tema e o semblante dele mudou. Transfigurou-se.

- Mas isso não é possível.

- Mas o senhor é advogado. Deve haver um meio.

- O senhor tem excelente comportamento. Veja aqui o laudo inclusive do diretor do presídio, que atesta uma conduta semelhante a um santo!

Para bom entendedor uma palavra basta. O mal tem muitas facetas. Percebi que havia manipulação para o encaminhamento da minha liberdade. O diretor queria ver-me solto.

Eu me tornara novamente muito perigoso para seus propósitos, vez que, se eu tivesse algum destaque também poderia denunciá-lo. E seria uma denúncia com muito respaldo.

Assim, eu sendo colocado em liberdade condicional, eu desapareceria no mundo e, ele sim, estaria livre.

Que plano sórdido. Mais uma vez ele me assassinará, pois buscava matar minha iniciativa de amor ao próximo.

Pedi muito à Deus que me desse força, fé, vigor e discernimento para encontrar uma solução para meu problema. Meu coração falava muito alto, falava por amor às criaturas.

- O que você fará daqui em diante?

- Ainda não sei meu irmão. Tenho me colocado em oração continuamente e espero pela providência divina.

Não gostaria de deixa-los de nenhuma maneira, mas a realidade é que uma etapa da vida está se cumprindo. Penso que pude, de alguma maneira, exemplificar o amor e, juntos, nós construímos um lugar de acolhimento.

Espero que esse exemplo tenha conquistado o coração de nossos irmãos de trabalho, e que a caridade que aqui se pratica, siga no tempo, pois o amor do Cristo não está na ação de apenas um irmão, e sim na multiplicação, pela ação de muitos.

- Teremos saudades de você e sua dedicação.

- Ora, eu não disse que partiria. De alguma maneira penso estar presente. Pensei na possibilidade de fundar uma associação, formalmente, e essa associação prestar serviços aqui e em outros cárceres. Deus haverá de possibilitar o intento.

- Humildemente vos peço poder estar contigo nesse sonho meu irmão!

- Mas é claro, todos daqui já considero associados em Cristo e seguiremos juntos nessa e em outras vidas, propagando a paz, a tolerância, a fraternidade e o amor entre as criaturas de Deus, sob o sol do exemplo de Jesus Cristo, o nosso Divino Amigo e Mestre.

- Que assim seja!

Chegou o dia de minha partida. Foi um dia de sol. Arrisco dizer que um dia propício para ser liberto do cárcere. Chamaram-me à saída, onde pude recuperar velhas coisas que deixara no momento de minha entrada no presídio. Foram cerca de quinze anos.

Anos difíceis em seu início, onde, dadas as circunstâncias eu tinha tudo para sucumbir ao ódio, à cólera, à violência, à promiscuidade, mas suportei a estrada escura e vi que, mesmo naquele lugar, há luz para os que se dispõem a vê-la.

E a somatória das vontades de tantos não a deixa extinguir. Erram os que pensam ser os encarcerados irrecuperáveis para o mundo.

A esses, eu digo, buscai conhecer a vida e a obra de um dos grandes apóstolos do Cristo: Paulo de Tarso. Sim meus irmãos, é possível a redenção. É possível recomeçar e construir uma vida de mãos dadas com Jesus,

Saí pelos corredores ouvindo desejos de vida plena de amor e bondade. Meus irmãos de cárcere estavam comigo na minha saída, muitos em oração.

- Estarei próximo. Não os abandonarei.

-Deus o proteja e obrigado pelo teu exemplo! Saberemos honrá-lo.

As lágrimas eram inevitáveis e eu ia, mas tinha a convicção do retorno.

-Manterei contato em breve. Sigam no trabalho caridoso que iniciaram e que foi responsável pela minha redenção.

Enfim, ouvi o surdo bater da porta de ferro, por onde saí. Olhei para fora. Um mundo novo e um tanto assustador se apresentava. Antes de atravessar a rua, uma pequena fresta na guarita se abriu, e de lá uma voz saiu:

- Obrigado pelos ensinamentos. Siga em paz com Jesus. Tome aqui algumas economias minhas, que guardei para esse dia. Servirá para seu primeiro mês na vida livre. Use com sabedoria.

- Eu agradeço! Mas dê para a casa que iniciei nesse lugar, para que os irmãos mais necessitados tenham seus sofrimentos abandonados.

- Mas, e você?

- Eu? Bom, conhecemos a lei. Deus está conosco.

Segui. Ainda lembrava onde residia.

5/04/15

Cheguei. Exausto. Era longe, levou muito tempo. Ao aproximar-me, senti um calafrio. Detive-me por alguns segundos, escondido atrás de alguns chorões antigos plantados nas calçadas.

Pude então ver minha filha mais nova, agora moça, a brincar em frente a nossa casa. Fiquei a fita-la e relembrei nosso passado feliz de brincadeiras. Como que voltei no tempo a observá-la brincando de amarelinha. A emoção tomou conta de mim.

Então fiz menção de seguir para colher-lhe um abraço. Foi quando me detive por ver um carro se aproximar. Parei novamente entre as árvores e vi meu algoz, o diretor do presídio, descendo do veículo, beijando minha filha na face, sendo recebido nos braços de minha ex-esposa, em minha própria casa!

Oh desgosto que se acercou de mim. Dor pungente que a anos não sentia.

Todo o passado recluso em mim avivou-se de uma só vez. Senti-me mal e o mundo começou a girar ao meu redor. Para acalmar-me, recuei, sentei sobre um muro limoso.

Eles se recolheram e eu finalmente percebi que estava sozinho no mundo. Entretanto, tal desdita não durou mais que pouquíssimos minutos, pois quem está com Deus nunca está só.

Minha vida agora estaria toda à disposição de Jesus, e de meus irmãos de jornada. Compreendi o que o Pai queria de mim e, se eram

aquelas as condições de contratação, certamente a origem de tudo, a causa de minha desdita era uma causa justa. Deus não erra.

**06/04/13**

Chocado, embora não guardasse em mim nenhuma revolta, perambulei pelas ruas e segui até uma casa espírita próxima. Era um dia de reunião. Acheguei-me, com meus poucos apetrechos da minha longa jornada no cárcere.

Tive excelente acolhida logo na entrada, sendo cumprimentado por diversas pessoas. Assisti a palestra pública cujo tema era o perdão. Nada mais indicado para aquele momento.

O perdão, a maior das caridades, aquela que demonstra o verdadeiro aprendizado dos ensinamentos de Jesus. Não é fácil, mas deve ser buscado e a busca, por si só, já é uma viagem evolutiva.

Logo após a palestra havia o momento do passe e, em seguida, do atendimento fraterno.

Revigorei minhas energias pela extrema caridade de irmãos que doam, sem nada pedir em troca, fluidos vitais, ao mesmo tempo que servem de instrumentos para os irmãos do outro plano em auxílio a nossas dores, do corpo e da alma. Fui ao atendimento, recebido por um jovem de nome Adriano.

- Pois não meu irmão, como posso servi-lo?

Após essa frase disse-lhe precisar de algum auxílio material e moral. Ele propôs que fizéssemos uma prece, o que fizemos, e deu-me um livro, o Evangelho Segundo o Espiritismo, propondo-me abrir em qualquer página para leitura e nosso entendimento.

Abri o magnífico livro no trecho da parábola que trata do “pedi e recebereis, buscai e achareis”.

Ao mesmo tempo que ia contando-lhe a minha história o trecho do evangelho lido instruí-me do que deveria fazer e meu mais novo amigo pós libertação do cárcere seguia na mesma direção.

Ouviu-me caridosamente, sem qualquer interrupção e demonstrando muito interesse em meu problema. Senti-me contemplado em meu interesse pois a atenção dedicada de Adriano já era um atendimento por si só.

Após meu depoimento, ele me disse:

- Meu irmão, tens uma história comovente. Sei que nada ocorre por acaso e devo dizer-lhe que disponho, aos fundos de minha casa, de aposentos que poderei ceder-lhe por alguns dias até que possamos encontrar algo melhor. Dê-me a honra e a possibilidade de seguir contigo nesse reinício de jornada.

Fiquei extremamente agradecido e jubiloso e somente consegui dizer naquela hora, com os olhos já imersos em algumas lágrimas:

- Obrigado Jesus!

Ao que meu irmão respondeu:

- Que assim seja.

**7/04/13**

Fomos conversando em seu carro. Conversas edificantes sobre o Evangelho de Jesus e sua aplicação. Contei-lhe de meus sonhos e projetos.

- Compreendo. Mas devo alertar-te da realidade. Aqui fora as pessoas vêem os detentos como “algo” a ser segregado. Não há compaixão, senão pelos familiares.

- Eu sei. Conheci essa realidade na ausência dos materiais mais básicos no ambulatório. Todavia não pode haver desistência. Temos que continuar o trabalho que começamos, pois sempre digo: O exemplo é a melhor tribuna.

- Sábias palavras!

Chegamos na casa de Adriano, que morava só. Ele me levou até os fundos, onde, na garagem, havia pequena dependência de empregados. Para mim era um luxo.

- Não quero constrange-lo de nenhuma maneira meu caro irmão Genaro. Tenho esses aposentos mas se preferir pode ficar comigo na casa grande.

- Não se preocupe, Adriano, não quero incomodá-lo em sua privacidade. O local está ótimo. Tem tudo o que preciso para recomeçar.

- Que bom. Fique à vontade. O local era equipado com eletrodomésticos que eu somente tinha notícias em panfletos.

- Tomo meu café da manhã às sete horas, antes de ir para o trabalho. Fique à vontade se quiser fazer-me companhia. Mas se preferir pode usar a geladeira própria daqui.

- Não se preocupe. Acordo cedo há anos. Será o maior prazer compartilhar contigo os inícios de dia.

Não são muitas as pessoas com o coração como o de Adriano. Hoje, de onde estou, sei o motivo de seu grande apreço por mim, que serve a causa do Cristo com esmero. Fizemos grande amizade e construímos juntos um projeto de auxílio aos encarcerados.

Trabalhar para o Cristo é assim. Seus ideais de amor e fraternidade são como uma cola. . Pessoas que parecem nada ter em comum se aproximam e formam imensa comunidade espiritual de afinidades eternas, uma grande família se forma em função da busca pelo bem comum.

Coloquei minhas coisas no aposento, tomei um banho que me refez as energias e fui deitar, agradecendo a Jesus o auxílio que me proporcionou em momento difícil.

**8/4/13**

Saí depois do café para procurar um trabalho. Fiz um pequeno lanche para a jornada. Agradei meu amigo e segui. Eu era experiente tecelão e também dedicado trabalhador.

Tendo ficado tantos anos sem exercer o ofício tinha o entendimento que o recomeçar seria difícil, mas não pensei que fosse tanto. As portas fechavam-se rapidamente pois havia anos eu não tinha carteira assinada. As pessoas estranhavam e tão logo sabiam que eu era um ex presidiário dispensavam-me.

Rodei muitos quilômetros em vão naquele dia e estava a ponto de desistir quando tive uma intuição: E se eu fosse tentar uma vaga no hospital local? Eu tinha alguma experiência e a possibilidade de servir ao próximo em um trabalho remunerado era algo que me motivava. Sentei para o lanche e segui para o local.

O movimento era normal naquele dia. Localizei, logo na chegada, a porta de serviço onde podia ser lida a placa “setor pessoal”. Adentrei e me coloquei no balcão.

- Pois não, o que o senhor deseja?

- Estou a procura de trabalho, tenho alguma experiência com auxílio a doentes e busco uma colocação.

- No momento não temos nada na área. Temos apenas uma vaga na área de limpeza do hospital.

- Bom, eu estou precisando muito de um emprego e posso ser útil. Gostaria de me candidatar.

- Bom, preciso de uma referência sua e seus documentos.

Dei o nome do Senhor Adriano como referência.

- Porque o senhor está tanto tempo sem trabalho?

Pedi perdão à Deus e fui logo retrucando:

- Voltei para minha terra natal onde meus pais tem um sítio e permaneci todo esse tempo na lida rural. Não tive muito êxito. Propriedade pequena, tempos difíceis. Resolvi vender e vir para a cidade grande.

- Como muitos, respondeu-me a gentil senhora.

- Venha, vamos andar pelo hospital, vou mostrar-lhe o trabalho.

Enchi-me de júbilo. Eu estava empregado. Um trabalho simples, mas um recomeço.

**9/4/13**

Andava pelos corredores atento ao que se passava. Embora o emprego proposto fosse o de faxineiro, meu coração estava voltado para o auxílio aos necessitados. Aqueles a quem ninguém queria atender, principalmente.

São tantos os aflitos meus irmãos, são tantos os que choram sem ter alguém para lhes secas as lágrimas.

Caminhamos por várias salas, sendo-me apresentado o que e como realizar as minhas tarefas. Mostravam-me a sala onde poderia descansar e aonde cuidaria das ferramentas de trabalho. Conheci várias pessoas, umas humildes, outras nem tanto.

- Quem é aquele senhor no quadro?

- Aquele é nosso inspirador. Um abnegado servidor de Jesus que atendia os desvalidos desse hospital, ,no começo de sua existência.

- Como se chama?

- Ele chamava-se Bernardo.

Reconheci imediatamente aquela pessoa retratada em vestes de enfermagem! Era o meu companheiro de cela quando estive preso na delegacia.

-E onde ele está? Perguntei novamente.

- Esperamos que ele esteja ao lado de Jesus, ao mesmo tempo que velando por nós na pátria espiritual. Faleceu já lá se vão bem uns cinquenta anos.

- Impossível.

- O que o Senhor disse?

- Nada. Não disse nada.

A palavra havia saído sem controle. Ele esteve comigo. Fui companheiro de cela de um benfeitor espiritual e isso teve um motivo.

Agradei e voltei para minha casa com essas duas novidades para contar ao Adriano. Foi uma longa noite de conversas edificantes sobre a espiritualidade. Estava feliz pelo recomeço humilde em um hospital.

10/04/13

- Qual sentido teria tudo isso? Perguntei.

- Os desígnios de Deus são insondáveis meu amigo. Creio que estás ligado a sua tarefa de auxílio aos doentes. Tendes compromissos e estas recuperando, aos poucos, a memória.

Rimos.

De fato as situações foram se sucedendo e eu parei aqui, ainda mais ligado a tarefa de auxílio.

Acordei cedo, com alegria imensa, e vontade de servir. Banhei-me, vesti-me e saí apressado. Fiz uso de uma velha bicicleta que havia nos fundos.

Ao longe olhei para trás e vi Adriano, que acenou-me. Retornei o aceno. Penso que ele estava feliz, afinal quem faz o bem tem a alegria a banhar seu coração. Ele, definitivamente, estava em minhas orações.

Cheguei, assinei o livro ponto. Estava dez minutos adiantado. Peguei meus apetrechos e parti para o trabalho, feliz, sorridente, com muito boa vontade e dizendo um prazeroso bom dia a todos que se aproximavam.

Eu, minha vassoura e meu balde, dançando pelos corredores sem que me desse conta do passar do tempo. Foi preciso uma enfermeira chamada Judite para interromper o serviço.

- Genaro! Já é hora do almoço.

- E a Senhora aceitaria almoçar comigo?

- Sem dúvida. Vá deixar suas coisas na lavanderia e me encontre aqui.

Corri para depositar minhas coisas na sala de limpeza e voltei.

12/04/13

Almoçamos juntos. A encantadora moça e eu.

Contei-lhe minhas experiências como homem do interior e adentramos em muitas conversas como se o tempo não existisse. Foi um almoço muito agradável. Disse-lhe de meu desejo de auxiliar nos trabalhos de enfermagem e ela me orientou:

- Fazemos todos os cursos para auxiliares dentro do hospital. Você pode se habilitar. Se for bem aprovado, quem sabe, poderá ser contratado.

- E quando será isso?

- As inscrições iniciam no próximo mês. Então teremos uma prova de seleção. Os aprovados começam um mês após a prova.

- O custo é muito elevado?

- É razoável, mas para os funcionários do hospital pode ser descontado no ordenado, em valores módicos. Precisamos muito de auxiliares.

- Poderia auxiliar-me nos preparativos, inclusive do exame?

- Sem dúvida. Vou pedir cópia do material do ano que se passou e poderei te auxiliar.

Fizemos boa amizade.

- Preciso ir agora, disse.

- O chão do ambulatório me espera.

Rimos.

- Saí muito feliz e parecia que ela também, pelo sorriso que esboçava.

13/04/13

Varria pelos corredores da ala onde inúmeros idosos recebiam atendimento. Adentrava pedindo licença aos irmãos, seus acompanhantes e enfermeiros e cumpria minha função. Quase nunca era notado.

Às vezes pensava ser invisível. Geralmente os humildes trabalhadores passam despercebidos pelo menos aos olhos dos homens. Nunca aos olhos de Deus.

Certa feita adentrei em um quarto. Um senhor jazia no leito, um enfermeiro ao lado preparando a medicação e mais uma senhora ao lado da cama, de olhar sereno. Ela foi a única que me notou e sorriu ternamente. Eu disse:

- Bom dia!

Todos me olharam, sorrindo.

- Bom dia, disseram.

- Não quero atrapalhar. Vim apenas retirar a louça.

A enfermeira respondeu:

- Pode levar. O senhor Juarez já fez a sua refeição. Agora ele irá tomar sua medicação e descansar, não é mesmo?

O senhor Juarez assentiu, vagarosamente, com sua cabeça.

- E a louça da senhora? Aonde posso apanhá-la?

Ambos me olharam:

- Que senhora?

Fiquei em silêncio, e ela, a senhora, me olhava e sorria. Peguei a louça e sai. O senhor Juarez sorriu.

- Deve ser a Anita. Ela está bem?

- Serena e sorridente, eu disse, sob o olhar espantado da enfermeira que ainda estava enchendo a seringa.

- Deus seja louvado! Disse o Senhor Juarez.

- Assim seja! Respondi. E sai.

**14/04/13**

Sai do quarto feliz e segui a minha atividade de limpeza, pelo corredor. Eu, minha vassoura e meu carrinho com os produtos de limpeza que ia espalhando para desinfetar o caminho. Alguns minutos depois a enfermeira me alcançou.

- O que você viu lá?

- Acho que a esposa do Senhor Juarez.

- Mas ela está morta! Deus me livre.

- Ninguém morre, no sentido que pensas. AS pessoas, quero dizer, seus corpos, é que se vão. Voltam ao pó, como costumam dizer. Mas os espírito permanece e aproxima-se dos afins. Desde que tenha o merecimento ou se trate de algum resgate de débitos passados.

- Como sabe disso?

- Bem, eu estudei sobre espiritismo. E continuo estudando.

- E como pode ter certeza disso?

- Porque há lógica, razão, no raciocinar desta forma.

- Não acredito.

- Sobre isso nada posso fazer. Posso apenas, se quiser, te orientar em algumas leituras e emprestar-lhe alguns livros, além, é claro, de convidá-la para ir assistir as palestras públicas na casa espírita da cidade.

- Não sei se devo, meus familiares não apoiariam.

- É um problema que deve ser resolvido com o direito a liberdade e com a tolerância religiosa.

- Diga isso a eles.

- Permite-me?

- Eu estava brincando.

Façamos o seguinte, emprestar-lhe-ei algumas obras. Lerás com determinação e vamos conversando. Quando estiveres pronta saberás como fazer para começar a frequentar as palestras públicas.

- Está certo. Quando trará os livros?

- Venha comigo.

Ela me seguiu até a minha sala de apetrechos de limpeza e lá eu entreguei a ela o livro dos espíritos, e o evangelho segundo o espiritismo.

- Boa leitura. Será um bom começo. O evangelho, leia-o todos os dias antes de dormir e logo ao acordar. Pode abri-lo em qualquer página ou lê-lo sistematicamente. O importante é que o faça com atenção, refletindo sobre os temas.

- Obrigado! Conversamos!

- Certamente!

-Até mais!

15/04/13

Seguia todos os dias, sem descansar, as lides de limpeza, fazendo amizades entre os enfermeiros, médicos e pacientes.

- Meu caro, poderias me auxiliar com essa atadura?

- Mas é claro Doutor.

Algumas vezes eu auxiliava a trocar, fazer curativos e banhar alguns pacientes. Regozijáva-me com isso e me recordava nos tempos do cárcere. Meu desempenho nesses auxílios ia aumentando, até que, um dia...

- Genaro, tenho percebido sua dedicação não somente na limpeza mas também a dedicação nos cuidados com os pacientes. Gostaria de fazer-lhe uma proposta.

- Pois não Doutor, agradeço-lhes os elogios.

- Quero admiti-lo, desde já, como meu auxiliar de enfermagem, mas terá que estudar paralelamente aos afazeres que terás comigo.

- Doutor, que notícia! Há muito esperava essa benção. Louvado seja Deus!

- Assim seja meu caro, assim seja. Penso que ele também te nota a dedicação.

Voltei para casa para compartilhar com o Doutor Adriano a notícia.

Conversamos longamente sobre reconhecer os desígnios de Deus, e como ele nos fala através dos fatos da vida e das pessoas que nos cercam.

- É assim mesmo Genaro. Deus nos conduz aos seus propósitos. Cabe-nos sermos atenciosos ao que nos acontece e dóceis a sua vontade.

- Tenho aprendido a compreender isso. Mas somos ainda imperfeitos e teimosos, verdadeiras crianças espirituais.

Rimos bastante contando um ao outro fatos onde sentimos Deus atuar, apesar de nossa desobediência. Eu estava renovado e feliz pois estava prestes a reiniciar o contato com os necessitados.

Meu primeiro dia como assistente foi tratar de fazer os curativos num senhor, já de idade avançada, que jazia de um quadro de derrame cerebral já alguns dias.

Por não mexer quase nada e não conseguir falar, não podia indicar como eu devia proceder e tinha feridas em algumas partes do corpo por causa da falta de movimentação.

Eu entendia a condição dele pois, no cárcere, já havia vivido situação semelhante. O Doutor, preparando-lhe a medicação, observava-me discretamente. Então iniciei os procedimentos olhando bem dentro dos olhos dele e percebi que tínhamos contato.

A medida que eu limpava-lhe a pele ressequida notava sua satisfação, de ter encontrado alguém capaz de sentir-lhe as dores.

Ele não podia, mas não precisava falar nada.

Eu compreendia e ele sabia disso. Penso que se confortava em saber que eu conhecia bem o meu ofício. Tratei-lhe todas as feridas, dei-lhe de um pouco de água, mudei-lhe as roupas. O Doutor disse:

- Belo trabalho, vamos adiante.

Afaguei-lhe a face e disse:

- Fique bem meu caro amigo. Amanhã retorno para conversarmos. Fui até a porta, o Doutor saindo, ouvi:

- Muito obrigado!

Em um abafado som mas perfeitamente audível. Olhei emocionado para o Doutor e ele disse:

- Belo trabalho (novamente) e dei um sorriso, dizendo:

- De nada. Melhoras! Amanhã retornarei.

Ele sabia que eu não podia responder-lhe tamanha a minha felicidade e emoção.

**17/04/2013**

Por vários dias voltei àquele quarto. Mesmo acompanhando o Doutor em vários outros atendimentos eu voltava àquele lugar.

E lá estava o senhor, acompanhado de sua amada, que ele não via mas eu sim. Sua face resplandecia e ela velava por ele com verdadeira abnegação.

Acerquei-me dele e coloquei-me a ler trechos do evangelho segundo o espiritismo. Ele ouvia com atenção. Repetia pequenos trechos e dizia sempre:

- Paz! Paz!

Percebia em seus olhos que a serenidade e a resignação se ia instalando e ele, mesmo naquela situação dolorosa, acalmava-se. Os resultados da recuperação eram animadores, me dizia o Doutor.

- Permaneça com ele todos os dias por um momento. Eu o autorizo a vir aqui e conversar com ele sobre a Boa Nova do Cristo. Vejo que ele está serenando e acredito que essa condição de resignação e paciência, e alegria, dá melhor condição de absorção dos fármacos.

- Obrigado Doutor! Farei isso sim.

Ainda é jovem nosso entendimento do efeito curativo e lenificador das palavras do Cristo, mas estou certo que a ciência se renderá um dia às palavras do Divino Mestre e, principalmente, à conclusão de que quando um ser humano obra em amor dos necessitados, obra também para si, em todos os aspectos.

**18/04/13**

Quanto amor eu entreguei naqueles dias. Visitava-o para ler-lhe o evangelho e via seus olhos brilhando com as explicações dadas pelos espíritos às parábolas do Divino Mestre.

Em poucas semanas já se podia notar sua melhora. Seu semblante e sua disposição demonstravam a mais íntima das curas, a cura espiritual, embora, no corpo, houvesse sequelas, a alegria em seus olhos demonstrava que não havia desistência e sim a luta pela melhora.

Todos falavam a esse respeito e o Doutor, que se tornava um atento observador dos progressos, estimulava-me a continuar.

- Penso em estender o seu método a mais pacientes. O que acha?
- Sou um servo de Jesus, um trabalhador que procura trabalho. Que Deus vos abençoe nessa jornada. Estou à disposição.
- Montarei um programa de trabalho e avaliaremos os resultados. É importante o registro.
- Não me oponho. Para mim é importante praticar o amor.

19/04/13

Iniciei os trabalhos na ala dos doentes terminais. É uma emoção muito grande pois são sabedores de sua condição, mas plenos de esperança, apesar das dores.

Às vezes penso que eu é que estava sendo auxiliado. Será que não? Será que os doentes aos quais nos colocamos à disposição não são os verdadeiros médicos?

Nos ensinam a finitude da vida corpórea e nos fazem pensar sobre o que realmente importa em nossa existência.

Fazia minhas preleções de olhos marejados e por vezes os agradecimentos que recebia em vozes adocicadas e ternas, mesmo inseridas em sofrimento intenso, me levavam às lágrimas.

- Meu irmão, a paz esteja contigo. Deus te envia mensagem de paz e te pede resignação nesse momento, que, como todos, passará.

- Eu vos agradeço a caridade das palavras e digo que é a confiança em Jesus que me mantém altivo, apesar das dores. Meu coração físico se esvai, mas meu coração espiritual é pleno do amor de Cristo. Bebo meu cálice e espero minha redenção. Abençoado seja você que me vem consolar e estender seu braço amigo a um moribundo solitário.

Eram conversas como essas que eu tinha e percebia que saíamos sempre melhores dos momentos de elevação espiritual. Muitos eu conheci que no dia seguinte já haviam partido para a pátria espiritual. E me regozijava de tê-los encontrado a tempo de servi-los

ao menos em palavras. Hoje somos amigos, ou melhor, desde sempre fomos amigos pois tais encontros na vida não são frutos do acaso.

**20/04/13**

Havia, em um dos quartos, uma menina que jazia vítima também de uma doença incurável e estava em fase final da vida física.

- Não há muito o mais que a medicina da terra possa fazer. Dizia-me o Doutor.

- Não desista meu amigo. Trabalha com o que tens e deixa então a medicina dos amigos espirituais agir em teu favor e em favor da nossa querida amiga. Seja qual for a cura que Deus propõe ela deve ser abençoada, pois não há qualquer criatura debaixo do sol que não esteja sob sua proteção.

O Doutor seguia o tratamento e eu as pregações, lendo trechos do evangelho para a menina, que agradecia em doce e terna voz, baixinha mas muito linda.

Seus olhos brilhavam e seus pais, que acompanhavam a tudo serenamente, apropriavam-se também do saber evangélico. Partilhavam todos a paz e a resignação que somente o Cristo pode dar.

Depois de três semanas a menina partiu para a vida espiritual. Houve choro, é verdade, pois é legítimo chorarmos as perdas de quem amamos, mas havia agora a certeza de terem os pais superado a dor mais profunda, que é aquela que não acredita na vida espiritual, que é a vida verdadeira. Sabíamos todos que estaríamos próximos, em espírito, uns dos outros.

**21/04/13**

Todos os dias eu secava lágrimas e via olhos brilhando, que demonstravam, à medida que os conselhos eram lifos, Deus se fazia presente entre aqueles que sofriam. Eu era balsamizado nesse amor infinito e sentia-me leve. Recebia elogios.

- Sua voz é tão doce!

- Você é tão paciente e calmo.

Eu, no entanto, não deixava-me abater pelo orgulho. Sabia que os elogios são armadilhas para quem é invigilante. É preciso sorrir e continuar o trabalho. Tornar-se orgulhoso, soberbo, é, frequentemente, caminho para a queda.

Todavia, no íntimo da alma, eu sabia que a minha condição era um resultado de uma causa e que essa causa era o amor que em mim vinha se instalando, à medida que trabalhava pelos necessitados e seguia o exemplo de Jesus, buscando identificar o sofrimento das criaturas, sem que elas tivessem que expor as suas chagas.

Chegar antes e ajudar evita o constrangimento do humilde e só isso já é grande caridade. Eu seguia e me fortalecia com Jesus.

22/04/13

Certa feita, encontrei-me com uma moça, recém-chegada, que apresentava sinais de doença grave, cujo prognóstico do Doutor era ruim.

Éramos um hospital sem muitos recursos e sabíamos das dificuldades que enfrentaríamos. O Doutor iniciou os tratamentos e conversou com os pais que, ansiosos, rogaram-lhe a dedicação absoluta do seu sacerdócio médico.

Que ao final pagariam pelo atendimento, custasse o que custasse.

- Não há necessidade disso. Atendo-a da mesma maneira que atendo os que podem custear o tratamento.

- Deus abençoa, Doutor. Ajudemos.

- Farei tudo o que estiver ao meu alcance e deixaremos para Jesus o resultado. Tenham fé.

A leucemia, na época, era fatal. O trabalho seguia as medidas de praxe para o alívio da dor e do desconforto, enquanto isso o Doutor pedia auxílio para os seus colegas em outros hospitais. Pouco se podia fazer no plano físico.

Busquei fazer a minha parte orando e conversando todos os dias com a paciente, que demonstrava muita fé e vontade de viver. Não havia esmorecimento da alma, somente do corpo físico.

Penso que o espírito estava curado, mas o corpo padecia pela programação da doença que lhe tomaria a vida física. Aprendi muito

sobre a fé com aquela moça e, ao invés de eu consolá-la eu consolava a mim, aos pais e ao Doutor, e a equipe médica.

Que grandeza.

Era, como hoje sei que de fato foi, um espírito em franca evolução que veio em missão de reorientação dos pais e demonstração de determinação para os médicos, que, por conta daquela menina, buscaram ajuda-la de todas as formas e assim, evoluíram tecnicamente e como seres humanos. Ela partiu, mas seu exemplo ficou.

**24/04/13**

Entre todos os atendimentos e auxílios que prestei, àquele que mais me ensinou e mais custou-me em termos de resignação e tolerância foi o que ocorreu com meu algoz. Aquele que me tomara o viço, jogando-me na cela escura e que, por fim, tomou minha esposa.

Fora hospitalizado com grave moléstia, e o Doutor, por não conhecer a nossa história, levou-me até ele.

- Venha, vou leva-lo a mais um paciente. Trata-se de uma autoridade local, padecendo vítima de doença incurável. Sua esposa e filhos estão inconsoláveis. Não há problema em atender pessoas mais aquinhoadas não é?

- Claro que não. O Divino Mestre a todos atendeu. Porque eu fecharia meus olhos e ouvidos a tão nobre ensinamento?

Fomos para o quarto e quando o vi, abatido, magro e com expressão de dor severa não consegui falar. Olhou-me rapidamente e, logo em seguida, parou de fitar-me, focando a janela ao lado, como que querendo fugir daquele lugar.

Ficamos sozinhos no quarto e, nem sei como, tudo que pude dizer foi:

- Não se preocupe, eu já te perdoei há muito. Estou aqui para orar por você para que tenha uma passagem tranquila. Não o deixarei só. Procure serenar seu pensamento, tranquilizar-se.

Ele me olhava agora, fixamente. Apliquei-lhe um passe e ele adormeceu, mas não sem antes deixar rolar uma lágrima.

Orei muito por ele aquela noite. Relembrei todos os momentos difíceis que passamos, mas não tinha qualquer resquício de rancor. Tinha por ele a mesma compaixão que adquiri por todas as criaturas enfermas que tive a oportunidade de conviver.

Senti-me liberto após aquele encontro, como se correntes tivessem sido rompidas, e via em seu rosto o arrependimento que penso lhe faria muito bem após a partida. Seu olhar como que me dizia para reassumir meu posto de marido e pai novamente. Era um olhar de consentimento.

**26/04/13**

Os dias se passaram e cumpro com ele os mesmos procedimentos que cumpro com os outros irmãos que sofriam.

Minhas forças aumentavam a cada dia pois tinha em mente estar cumprindo o grande mandamento, amando meu inimigo e caminhando com ele em auxílio mais do que os quilômetros básicos necessários, e o fazia por amor, sem qualquer resquício de ressentimento.

A cada dia que passava seu olhar se tornava mais terno, e ele não mais desviava seu olhar do meu, demonstrando confiança e amizade. Eu, como enfermeiro, o ajudava nas lides diárias e até cheguei a aproximar sua cama da janela, levantando-a para que ele pudesse observar o movimento na rua.

Ele chorou quando lembramos quantas vezes deixamos de viver e apreciar as coisas simples, e nos damos conta de que tão pouco é necessário para vivermos com alegria. Não é o luxo que faz a felicidade e sim as pequenas coisas que nos acompanham os dias de dádiva do Criador.

Saia dali para casa e vinha de casa para o trabalho observando cada pedra, os matagais dos arredores, as estrelas que brilhavam no amanhecer e no entardecer, a chuva torrencial ou a pequena garoa, o carreiro das formigas nas calçadas e árvores que, frondosas, nos traziam sombra e abrigo, no joão-de-barro e nos pardais que penduravam-se nos fios de luz, alguns que eram verdadeiros depósitos de pipas as mais diversas. Certamente ele, que se apegara as coisas mundanas, lembrava-se desses momentos onde o homem

se faz cego pela cobiça e esquece dos presentes dados por Deus a nós para o alívio de nossas jornadas. Mas ele estava arrependido e de alguma forma eu o fiz feliz novamente, lembrando-o dessas pequeninas mais importantes coisas.

**27/04/13**

Meu reencontro com minha ex-esposa e filhos foi alegre. Nós nos olhamos em frente a sepultura do meu algoz. Estávamos ambos livres novamente.

- Peço-te perdão, Genaro.

- Não há porquê.

- Peço-te perdão por te privar da convivência com teus filhos e fazer mal juízo de ti. Por ter acreditado nas calúnias que sobre ti recaíram, em não ter dado possibilidade de explicar-te.

- Se te satisfaz minha palavra, então saiba que está perdoada.

- Eis aqui a confissão escrita deixada no testamento do homem que tu cuidaste com tanto carinho, mesmo tendo sido ele o criador de tantas armadilhas contra ti.

- Se recebi é porque merecia, mas junto com a prisão veio a harmonia do meu ser com o Cristo, a qual sou grato.

- Poderás ver as crianças sempre que quiser.

- Agradeço muito por isso.

Abracei meus filhos, já um tanto crescidos, mas, no abraço, os vi crianças de coração puro para comigo. Eles sorriram.

Segui a vida no bem, estudando para me aperfeiçoar e auxiliando aqueles que sofriam no leito dos hospitais. Vi meus filhos crescerem e se tornarem adultos de bem. Exemplifiquei o quanto pude o amor

de Jesus pelos enfermos e presos e retornei à prisão, em dias alternados, como voluntário na enfermaria, para auxílio àqueles que a sociedade faz questão de esquecer.

Até o fim dos meus dias eu balsamizei dores alheias e, quando parti, fui recebido por tantos e tantos que auxiliei. Regozijo-me em Cristo e em Deus por isso e sigo daqui, auxiliando irmãos encarnados e desencarnados a seguirem em frente, colocando-me, quando me é permitido, o bálsamo do amor em suas feridas.

## **DESPEDIDA**

Agora vou. Que Deus nos abençoe. Peço-te sejas diligente com a minha história e com o auxílio àqueles que reclamam oportunidade de redenção. Deus verte sua luz sobre todos e a jornada é longa.

Segue em paz!

De seu amigo Genaro.

